De Juiz de Fóra

Nova phase cinematographica.

Dois grandes Cinemas no centro da cidade. O Theatro Central, imponente, magestoso na sua linha architectonica, deliciando a vista com as suas artisticas decorações. No palco, fechando a scena, primoroso lavor de fina arte, symbolico painel, numa allegoria feliz á independencia da terra brasileira — delicada e sublime inspiração do consagrado pintor Angelo Bigi.

A' entrada do Cinema o "hall". Um vasto espelho de crystal finissimo, reverberando a graça alada e voluptuosa das silhuetas que passam numa garrulice de passaros inquietos — e a principesca elegancia dos Petronios modernos...

Convidativos sofás, em que se aguarda o inicio das sessões ao rythmo embalador dos tangos argentinos —, preciosos resposteiros, suggerindo o apparato dos salões antigos e alguns vasos com plantas, amenisando com a suavidade das folhagens verdes a nobreza heraldica do ambiente.

Na cupula do tecto, na profusão dos motivos pictoricos, destacam-se as effigies dos quatro gloriosos interpretes da divina arte musical: Carlos Gomes, Verdi, Mozart, Beethoven.

A' noite, o recinto, com uma lotação para 3.000 espectadores, esplende á luz radiosa e allucinante de innumeros fócos electricos.

Quando, esquecendo as fadigas do trabalho, procuramos gozar as delicias de uma soireé elegante e nos dirigimos ao Central, não sabemos o que mais admirar. Impossivel descrever a intensidade das emoções que nos assaltam, que nos fazem vibrar, na ansia incontida de nos invadir a alma torturada!

Toda a sala é um prodigio, uma harmonia perenne de sons, de luzes, de perfumes trescalantes...

Orgia feerica de luzes offuscantes, maravilhas musicaes exhaladas pela orchestra, regida pela competencia do maestro Bicalho, perfumes que andam no ar, estonteantes, embriagadores...

Jardim maravilhoso dos famosos contos de "Mil e uma noites" é o Theatro Central em noites de programmas escolhidos.

Representantes graciosas da belleza e da elegancia juzdeforanas, ali se encontram invariavelmente, emprestando ás sessões cinematographicas o fulgido encanto da presença desejada, contaminando a platéa com a alegria cantante de um sorriso sonoro, sadio e crystalino!

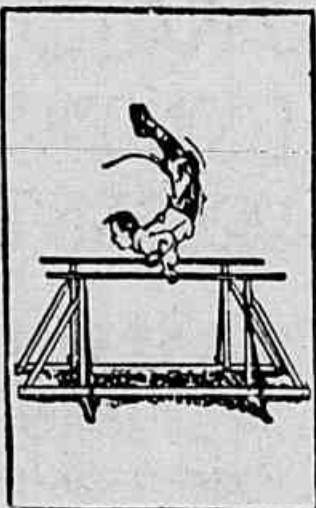
Borboletas esvoaçantes, azas abertas em crêpes multicores, bizarras flôres, transplantadas de jardins longinquos, mysteriosos, fidalgas de "alto cothurno" de brancas mãos de lyrios perfumados, estatuetas de luxo, frageis bibelots de porcellana de Sévres, figurinhas de J. Carlos, — ellas em bando vão ao Cinema vêr as fitas que correm no rectangulo da tela, rapidamente, celeremente — quando o salão se quéda na penumbra, aos sons da musica dolente, nostalgica, evocadora de saudades adormecidas nos recessos do cansado coração.

E o Gloria?

Menor, sem o luxo nababesco do Central, porém, querido pela sociedade selecta e fina que o frequenta, que vê os films, que admira os "astros" e as "estrellas" commodamente installada em confortaveis poltronas.

Ha tambem no Gloria uma orchestra admiravel que sonorisa o ambiente, emquanto os olhos acompanham os lances dramaticos, as tragedias e as va-

A Maravilha das creanças

Todos os annos, em meiados do mez de Dezembro, nas vesperas festivas do Natal, na imaginação das creanças anda a vôar um desejo, um anceio pela posse dos maravilhosos brindes que Papae Noel guarda no sacco de surprezas. Nenhum brinde, porém, é mais cobiçado do que o "Almanach d'O Tico-Tico". Este anno essa publicação vae exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, á dos annos anteriores. As mais bellas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, lições de cousas, tudo, emfim, conterá o primoroso 'Almanach d'O Tico-Tico" para 1930, a sahir em Dezembro.

riações interminas da alta comedia da vida, que a visão cinematographica fielmente reproduz.

O Gloria e o Central que pertenciam a emprezas differentes, acham-se desde o dia 1° de Julho sob a direcção da empreza Gomes Nogueira, de Bello Horizonte.

Esperamos, entretanto, que os novos dirigentes não economisem esforços para bem servir á culta platéa de Juiz de Fóra, a dilecta princeza de Minas que sonhadora e romantica se mira nas mansas aguas do Parahybuna...

MARY POLO

(*Correspondente de Cinearte*)

Mady Christians será a principal figura em "Brennendes Herz", producção sonora, na qual ella cantará uma linda canção.

卍

Dr. Willy Doell e John Fethke, são os autores do manuscripto de "Jenseits der Strasse", uma nova producção allemã.

卍

Fritz Kortner, Renée Heribel e William Freshman tomam parte em "Ketten", film que será dirigido por Genaro Rigelli.

卍

"Rund um die Liebe", o film de que dizem ter as melhores scenas amorosas dos films destes ultimos 20 annos, obteve um grandioso successo em Munich e Stutgart, quando ali foi exhibido.

O mais luxuoso
ANNUARIO DO
BRASIL
e o unico no seu genero
Retratos a côres e trichromias
de todos os grandes artistas do
cinema
FAÇA DESDE JÁ O PEDIDO do seu exemplar desta luxuosissima publicação, enviando-nos 9$000 em carta registrada, em vale postal, em cheque ou em sellos do correio.
SOCIEDADE ANONYMA
"O MALHO"
TRAV. DO OUVIDOR, 21
RIO
Cinearte
ALBUM
ESGOTADO em 5 ANNOS SEGUIDOS
Cinearte
Album
1930

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BHERING e A. A. GONZAGA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6.247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

No elenco de "Das naerrische Glueck" constam os nomes de: Maria Paudler (a Laura La Plante allemã) Fritz Kampers, Livio Pavanelli, Margarete Kupfer, Platen e Nermann Picha".

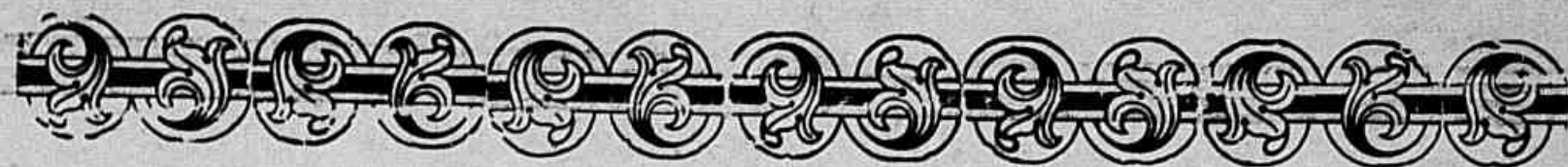
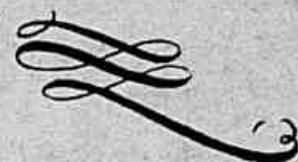
卍

Ilka Gruening foi contractada para fazer um papel caracteristico no novo film sonoro da Ufa "Melodie des Herzens", produzido por Erich Pommer e sob a direcção de Hans Schwarz.

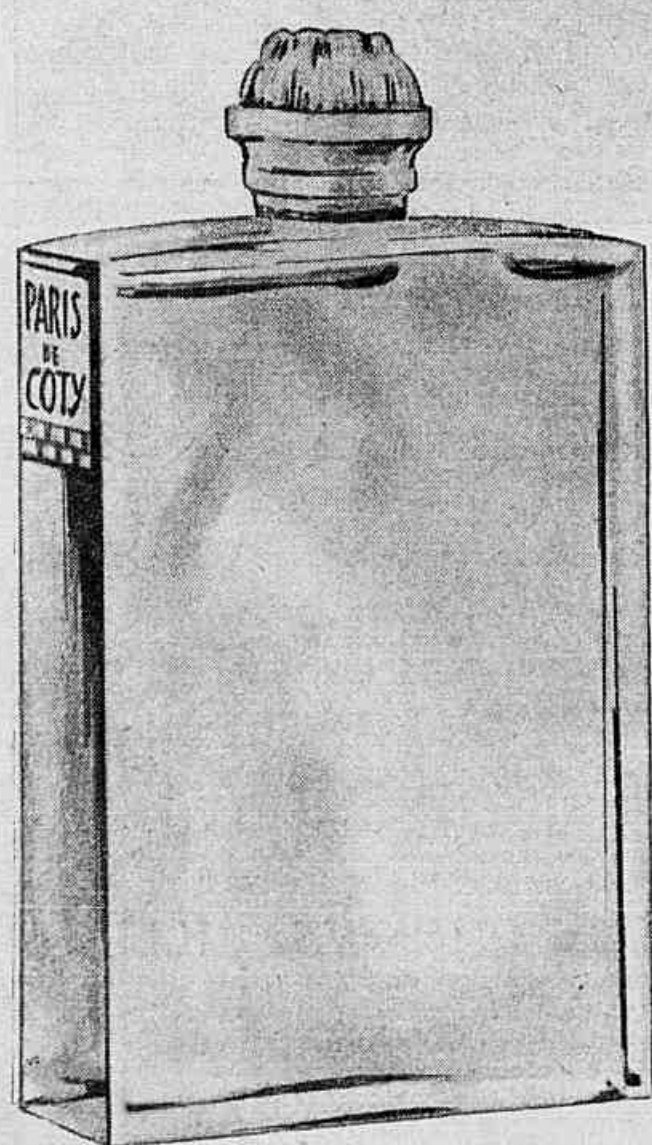
卍

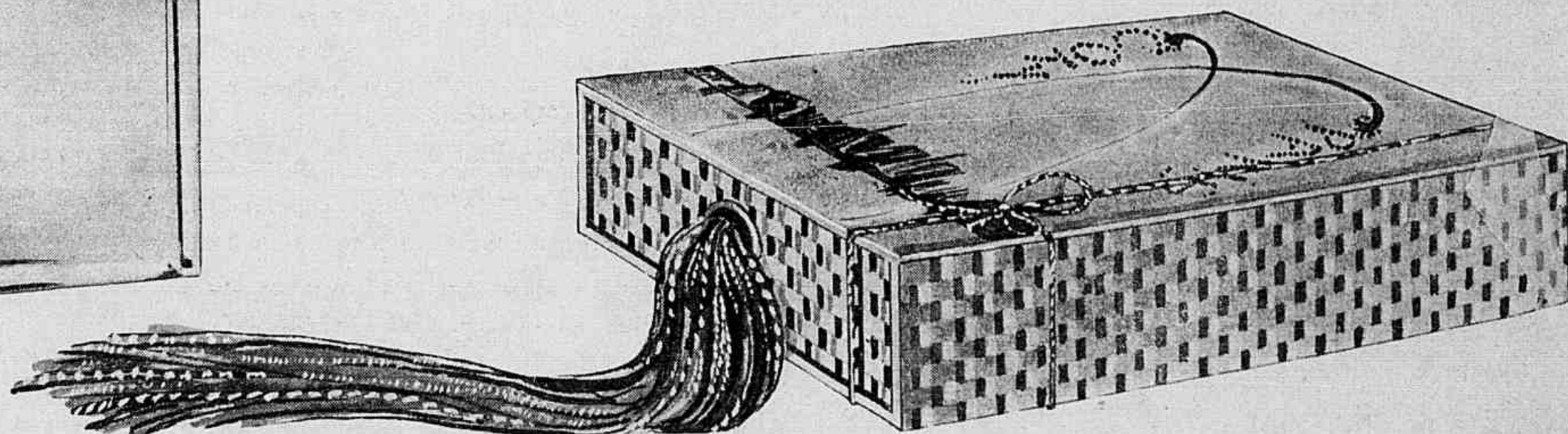
Luciano Albertini, conhecido athleta italiano, Fritz Kampers, Hilda Rosch, Hermann Picha e Arthur Reppert, são os principaes interpretes de uma comedia de assumpto policial, escripta por Hans Rameau e Max Obal.

卍

No super-film sonoro da Ufa "Der weisse Teufel", no qual Ivan Mosjukin é o principal artista, tambem toma parte o querido actor allemão Alexander Murski.

"Die letzte Kompagnie" é o titulo do novo film sonoro da Ufa, no qual Conrad Veidt faz o papel de tenente Burk. Joe May é o productor e Kurt Bernhardt é o director.

卍

Dimitri Smirnoff, conhecido cantor de opera russo, foi contractado para o papel do imperador Pedro o Grande, no novo film sonoro "Spielereien einer Kaiserin", no qual cantará algumas canções.

PARIS
DE COTY
PARIS DE COTY
Perfume elegante,
capitoso e alegre
como a propria
Cidade-Luz

ANNO IV
NUM. 190
16 de Outubro
de
1929

"THE WOMAN ON THE JURY"
COM
DOROTHY MACKAILL E FRED
MASTERS

CONFIRMAM-SE pelas ultimas noticias chegadas dos Estados Unidos as notas que aqui publicamos acerca do consorcio Paramount — Warner Bros. A empresa resultante dessa fusão terá o capital de 600.000.000 de dollars. Cada acção da Paramount equivalerá a duas e da Warner Bros a uma e meia acções da nova empresa. Um lote de 250.000 acções de 52 dollars cada uma destina-se aos empregados da Paramount que as pagarão no prazo de um anno, á razão de 1 dollar por semana.

Accentua-se pois esse movimento financeiro que está agindo sobre a industria cinematographica, "trustificando-a". São dois os grupos que se formam, encabeçados um por Zukor, o presidente da Paramount e o outro por William Fox e na esphera de attracção de um e outro se encontram todas as demais empresas que acabarão por ser absorvidas, mais dia, menos dia.

Ao mesmo tempo que se formam esses gigantescos agrupamentos cinematographicos vae-se modificando a orientação dos productores. Como já fizemos sentir depois que o talkie sobrepujou o antigo film o productor americano vae desprezando todos os mercados em que não predomine o idioma inglez. De facto, esses mercados não absorverão com facilidade a producção norte-americana e é o que se está verificando em todo o mundo.

Da Europa nos vêm os echos das discussões provocadas por essa nova orientação.

A industria franceza e especialmente a allemã reorganizam-se buscando produzir "talkies" que possam ser bem recebidos nos mercados internos.

Em França já se constituiu uma companhia productora a Radio-Cinema que fabrica apparelhos systema De Forest, patenteados.

Os allemães ensaiam o systema Tobis. Productores francezes buscam accordos com os inglezes e allemães para o fim de serem os talkies feitos por artistas dessas nacionalidades aos quaes se juntarão os hespanhoes, com destino evidente aos mercados sul-americanos.

Os productores inglezes não vêem com agrado o predominio do film norte-americano. Buscam, agora, com a invasão dos "talkies", appellar até para os sentimentos de patriotismo affirmando que a velha Albion terá desnaturada até a sua maneira de falar, deturpada pelo "slang yankee".

Mas o publico é que não quer saber dessas cousas e tanto na metropole como no Canadá e na Australia o film falado norte-americano continua a attrahir as multidões aos Cinemas.

O film sonoro mal começa o seu percurso pelo mundo. Na propria França, existiam apenas, ha dois mezes, sete Cinemas com apparelhamento Western para a projecção dos films falados, seis em Paris e um em Marselha.

Creio que no Brasil já existe maior numero e se não foi estendido a maioria dos Cinemas deve-se isso exclusivamente aos preços quasi prohibitivos que estão sendo exigidos pelos representantes da Western. Muitos dos proprietarios de Cinema têm pensado fazer as novas installações; recuam, porém, ante os preços fabulosos, absolutamente injustificaveis.

Isso não é um mal, ao nosso entender.

Cada dia que se passa traz modificações, progressos, melhoramentos nos apparelhos.

Fazer hoje uma installação gastando rios de dinheiro para daqui a seis mezes ter de modifical-a talvez de "fond en comble", só é permissivel a quem disponha de grandes capitaes e casas capazes de em pouco tempo fazer reentrar o dinheiro despendido nos bolsos de quem o gastou. Um outro aspecto desagradavel da questão está no facto de exigirem os locadores de films "cincoenta por cento" dos lucros, em se tratando de films sonoros.

Todos esses factos não estão á impôr que prestemos a maior attenção a nossa industria cinematographica?

Cinema Brasileiro

(De PEDRO LIMA)

RONALD ALENCAR, ELISA BETTY E OUTROS, NA "ESCRAVA ISAURA".

NITA NEY

A Benedetti Film está em preparativos para a filmagem de sua nova producção *Cinearte* intitulada "Saudade".

Este film, que terá o mesmo "unit" de "Barro Humano", irá trazer sensacionaes revelações ao publico, apresentando algumas novidades para o nosso meio de Cinema. Quanto ao elenco do film, ainda não está definitivamente escolhido.

Tudo depende da escolha do novo galã, que sirva para o typo preciso no film.

Toda a semana tem feito a Benedetti Film varios "tests", mas até agora ainda não foi encontrado quem podesse servir para as condições estipuladas.

* * *

Carmen Santos já iniciou a filmagem de sua nova producção independente, cujo titulo é "Labios sem Beijos".

E' uma historia moderna, repleta de incidentes interessantes, mostrando a mocidade de hoje, com os seus prazeres e as suas magoas...

Será galã deste film, Paulo Morano, que fez parte do "unit" da Benedetti, tendo mesmo apparecido na scena da piscina de "Barro Humano".

E' aquelle rapaz que apparece dansando dentro da piscina, papel este que marcou a sua estréa no Cinema...

A empresa que Carmen Santos acaba de organisar, é uma das que possue actualmente os melhores apparelhamentos cinematographicos, que estão entregues á direcção de Edgard Brasil, que operou os films "Braza Dormida" e "Sangue Mineiro", da Phebo de Cataguazes.

"Religião do Amor", tem quasi terminado o trabalho de camera.

As scenas religiosas do film, as mais difficeis de serem tomadas, já foram iniciadas, esperando Gentil Roiz acabal-as ainda esta semana.

Esta producção da Aurora Film será a melhor que o director de "Aitaré da Praia" e outros films pernambucanos terá apresentado, como prova de que soube acompanhar o desenvolvimento que o nosso Cinema vem tendo ultimamente.

No elenco do film, que consta de Gina Cavallieri, Stella Mar e Raul Schnoor, foi incluida Esperança de Barros, que vem se notabilizando nos papeis de creadinha, com o seu typo moreno e cheio de personalidade. Como é sabido, Esperança de Barros ia ser a estrella do film "Flor do Pantano", da A U B. que não poude terminar a filmagem devido a certos elementos existentes, que causaram a dissolução da empresa.

Mas, revelada mesmo assim ao nosso Cinema, Esperança de Barros ficou na nossa filmagem. Sem fazer questão de papeis de destaque, porém, procurando sempre amparar o nosso Cinema, já prestou seu auxilio a "Barro Humano", foi um estimulo a

SERGIO BARRETO FILHO, ENTRE ARTISTA E FIGURANTES DA "A IDADE DAS ILLUSÕES".

MILTON DARTEL, da "Beryllus-Film".

Milton Dartel. A Beryllus Film, é uma companhia de amadores, que deixaram a secção de Sergio Barreto Filho para esta outra de contribuição para o desenvolvimento do Brasil, mas apesar disso, são dos productores de Cinema Brasileiro que mais demonstram ter comprehendido a maneira de se fazer films com motivos para agradar, e tambem, entendimento do valor que representa a Publicidade.

Se os directores da Beryllus souberem apresentar "A Idade das Illusões" como dão mostra, o seu film terá assegurado successo.

* * *

A Sul America Film de S. Paulo está confeccionando, afinal, "O Piloto nº 13".

Dizemos assim, porque vimos num jornal de S. Paulo publicada um *still* do film com Yara Lazil e Uby Ulvorado. Já faz bastante tempo que "Cinearte" deu uma noticia sobre a confecção deste film, que ia ter Jane Montiac como estrella e seria uma producção da E. N. A. C Film.

Aliás, estranhavamos até, como a S.A.F. animava a sua confecção. O que continúa nos fazendo especie,, pois ao que parece trata-se até da mesma historia...

Emfim, esperamos poder prestar mais alguns esclarecimentos dentre em breve, se Uby Ulvorado não se dignar mandar logo todas as informações.

* * *

Já o nosso correspondente de S. Paulo commenta na sua secção, o que representa para nós, a exhibição do film "A Escrava Isaura" no Cinema Odeon de S. Paulo, sala vermelha, por conta da propria empresa productora.

Portanto, vamos apenas adiantar algumas informações mais, que recebemos de Isaac Saidenberg, director de producção e proprietario da Metropole Film.

ESPERANÇA DE BARROS.

"A Escrava Isaura" será exhibida em S. Paulo em todos os Cinemas da Empresa Serrador, sendo a sua estréa no Cinema Odeon, dia 21 do corrente.

A seguir, virá ao Rio Isaac Saidenberg com outra copia do film, tratar entre nós da sua collocação em nossos Cinemas.

Vae assim, o publico do Rio ter opportunidade de assistir mais um moderno film brasileiro, que terá ainda como elemento de agrado, musica propria, uma valsa canção com o mesmo titulo do film.

(*Termina no fim do numero*)

ELISA BETTY, RUTH GENTIL, PAULO MORANO, A. GONZAGA E PEDRO LIMA, DURANTE A FILMAGEM DA "A ESCRAVA ISAURA".

Beryllus Film... e agora secunda os esforços de Gentil Ruiz na Aurora Film.

Esperança de Barros é bem um exemplo do que deveriam ser outras estrellas do Cinema Brasileiro, que se negam em tomar parte num film só porque não têm o principal papel. Sem se lembrarem que quasi sempre não é a pessoa que mais apparece que rouba o film

Vamos ver "Religião do Amor" e aguardar o successo das suas estrellas, e o successo de Esperança de Barros.

João Stamato, um dos nossos veteranos operadores cinematographicos, que tem sob sua responsabilidade os trabalhos de camera e laboratorios de "Religião do Amor", espera, tão depressa terminem a filmagem desta producção, iniciar uma outra para a sua propria companhia, a Ita Film, tendo como director M. F. Araujo, o decano dos nossos artistas de Cinema. Esperamos que Stamato possa emfim realizar esta sua velha aspiração.

"A Idade das Illusões" prosegue activamente na sua filmagem.

Os seus artistas, todos elles photogenicos, estão se tornando popularissimos, principalmente o vilão

MAURY BUENO E ELY SONE, EM "SANGUE MINEIRO".

LABIOS SEM Beijos

O PRIMEIRO "STILL"

MAIS UM FILM
BRASILEIRO.

Carmen Santos
e
paulo Morano

Beijo de Apache

(DIE APACHEN VON PARIS)

FILM DA UFA — Direcção de Nikolas Malikoff

Savonette . . . . RUTH WEYHER
Winnie . . . . LIA EIBENSCHUETZ
Gertrude . . . . OLGA LIMBURG
Mylord . . . . JAQUES CATELAIN
Becot . . . . CHARLES VANEL
John . . . . PAVLOFF
La Noise . . . . BONDY
Polka . . . . MIC
Racken . . . . JACOB TIEDTKE.

A famosa "Sociedade Remodeladora de Costumes", revoltada com a degradação moral, em que se achava a Europa, resolve enviar uma commissão para estudar convenientemente esse grande problema social.

Essa commissão é composta de tres creaturas de caracter absolutamente diverso; Winnie, uma mocinha divertida; sua tia Gertrude, mulher muito severa e, finalmente, John Rumple, apostolo da moralidade e confidente de suas companheiras de missão. Partidario fanatico da "lei secca", John sente-se incapaz de dominar a fraqueza que o leva a apreciar as bebidas alcoolicas.

Que alegria causaram ao espirito de Winnie o celebre "Moulin Rouge" e a adega dos "Apaches de Paris", nos quaes a tia Gertrude só via escandalo!

E o "moralista" John! Em locaes desta natureza é preciso, para não se ser desagradavel, imitar o que os outros fazem... beber... e não se fazer de rogado ante os flirts tentadores das sereias humanas.

A commissão nessa excursão nocturna, faz curiosos conhecimentos.

Dentro em pouco tempo, os ricos americanos são o ponto de referencia da maior attenção, no bairro dos Apaches, e um bracelete de brilhantes de Winnie deixa como fascinados os olhos de um grupo de cinco rufiões.

Mas, um desses typos observa algo mais valioso que a bella joia; elle vê como é linda esta joven creatura. "Mylord", chefe do bando, fica apaixonado pela garota e, a pedido dos companheiros, rouba o bracelete, e depois leva-o á presença dos complices, de quem, porém, occulta, a seguir, para devolver a joia a encantadora Winnie.

A encantadora americana fica emocionada com

a sinceridade deste rapaz que dansa admiravelmente e não mostra inclinação para a vida de Apache. Aliás, elle está a caminho de uma vida honesta, pelo interesse e cumprehensão que Winnie lhe dedica.

Mas os Apaches não querem, que seu chefe lhes escape tão facilmente.

Quem mais se interessa, para que "Mylord" fique, é Savonette, a graciosa apache, loucamente apaixonada por "Mylord". Numa luta horrivel na "Adega dos Apaches", Mylord é vencido pelos companheiros que lhe roubam a chave do cofre de Winnie. Em seguida, dirigem-se para a villa da rica americana que ficaria em situação precaria, se em seu auxilio não tivesse corrido "Mylord".

Este fôra liberto por Savonette, que, vencida pela paixão não pode ver o amante ser trahido:

"Mylord, porém, é tomado como gatuno mas a interferencia de Winnie salva-o e o Apache fica rehabilitado.

Dessa maneira tambem Winnie vê-se forçada a não poder mais esconder o grande amor que dedicava ao chefe dos bandidos.

"IM SONNENLAND BRASILIENS"

No "Ufa-Palacio" "Astoria" de Leipzig e em outros Cinemas allemães importantes, o Dr. Rudolf Roch-Dresden apresentou, ha pouco tempo, este film cultural feito durante a sua longa estadia no Brasil.

Esta producção está acima do nivel commum dos films scientificos e educativos e pode-se qualifical-a de reportagem cinegraphica, pois o Dr. Roch é homem de imprensa. A riqueza de côres e o movimento são a base deste film caracteristico que nos mostra, porém, na moldura de quadros seguidos não somente scenas de paysagens como tambem valiosos aspectos da vida rural do Brasil e o formidavel progresso material desse paiz.

Como um trabalho de diversão este film está destinado a preencher uma missão altamente valiosa como seja a de mostrar não somente no Cinema como na escola uma das soluções mais importantes dos variados problemas da "terra de sol".

O proprio Dr. Roch fala no seu film e fornece por sua conta muitos detalhes interessantes que nos trazem uma nova luz sobre o Brasil.

CHEVALIER EM HOLLYWOOD

MADAME Chevalier atravessou o aposento acampanhada por Adolpho preso a uma corrente.

Monsieur Chevalier contemplou-a pensativamente.

"Adolpho é um terrier orgulhoso e petulante, que de vez em quando é levado a passeio para se arejar.

"Adolpho é um presente de Adolpho Menjou", profere Chevalier. Na parede do quarto de vestir está um retrato com a dedicatoria: "A "Mauricio, de Chaplin", e uma photographia com autographo de Jesse Lasky, com quem Chevalier está contractado. Sobre a escrevaninha vêem-se retratos emoldurados em couro de Mary e Douglas Fairbanks, Joan e Douglas Jr. e um pequeno retrato desenhado de Madame Chevalier.

Domina, entretanto, na pequena galeria a imagem de Jesse Lasky. Um gesto de diplomacia, consideram alguns, mas não conhece Chevalier quem assim pensa. E' de pura gratidão o seu gesto. Foi Jesse Lasky quem o descobriu e em vinte horas assignou com elle um contracto para fazer films nos Estados Unidos.

Em França chamam-no o Idolo de Paris, nos Estados Unidos appellidam-no o Idolo de Lattle, Louisville, Hoboken ou Jersey City, ou de onde quer que se exhiba "INNOCENTES DE PARIS", um film realmente máo.

MAURICE CHEVALIER EM "THE LOVE PARADE"

A culpa d'isso cabe ao departamento de publicidade, a responsabilidade de enviar noticias que passam facilmente das mãos do gerente de Cinema para os jornaes das pequenas e grandes cidades.

Não ha nada mais confuso do que a fama, nem mais complicado do que a creação de idolos. Entretanto, o enigma se esclarece quando a gente se acha em presença de Maurice Chavalier. Comprehendemos, então, o magnetismo pessoal, a idolatria da multidão, as luvas que se rompem com os applausos, o enthusiasmo dos "fans", o extraordinario talento — a genialidade — que se elevou victoriosa de um ... e fez d'elle um idolo triumphante do publico americano.

A gente comprehende Chevalier, quando elle se senta e esforça-se por encontrar palavras modertas para explicar a natureza dos sentimentos do publico francez a seu respeito e porque não lhe é possivel abandonal-o definitivamente a troco ou, talvez, maiores glorias na téla americana.

O seu desejo é fazer tres films por anno: um em Hollywood, um em New York e outro em Paris. E quando elle ... na sua França, lemos nos seus olhos a expressão de uma grande ternura.

"Em Paris, diz elle, procurando no vocabulario inglez que pôde armazenar, palavras capazes de traduzir o seu pensamento, eu sou o mesmo que Charpentier no ring do box. O publico me quer muito, e eu não poderia abandonal-o, não. E esta é a razão porque eu gostaria de voltar á França uma vez por, digamos, e fazer ali um film.

Adolpho de volta do seu passeio ao ar livre, entra saltando no aposento, a arrastar Madame Chavalier, de cabellos e olhos negros, que corresponde perfeitamente ao retrato que d'ella conhecem os americanos; actriz de opereta que sustenta a celebridade do seu nome de Suzanne Vallée ao lado de Chevalier.

Como figura antes, Chevalier, fita-a attentamente, pensando, sem duvida entre muitas outras coisas, na voz,

(Termina no fim do numero).

JEANETTE MAC DONALD, MAURICE CHEVALIER E ERNST LUBITSCH. ARTISTAS E DIRECTOR DE "THE LOVE PARADE"

UMA SCENA DO NOVO FILM DE CHEVALIER

Segredos do Oriente

(GEHEIMNISSE DES ORIENTS SCHEHEREZADE)

Ali, um sapateiro do Cairo NIKOLAI KOLIN
Principe Achmed . . . . IVAN PETROVICH
Sultão Schariah . . . . D. Dimitrieff
Principe Hussein . . . . G. Modot
Um astrologo da côrte do Sultão
Julius Falkenstein
O bôbo da côrte . . . . Hermann Picha
O vizir . . . . A. Vertinsky
Sobeide, favorita do sultão
MARCELLA ALBANI
Princeza Gylnare, filha do Sultão
AGNES PETERSEN
Fatme, esposa de Ali . . . . . . Mina Koschitz
Uma escrava da Princeza . . . DITA PARLO

DIRECÇÃO DE ALEXANDER WOLKOFF

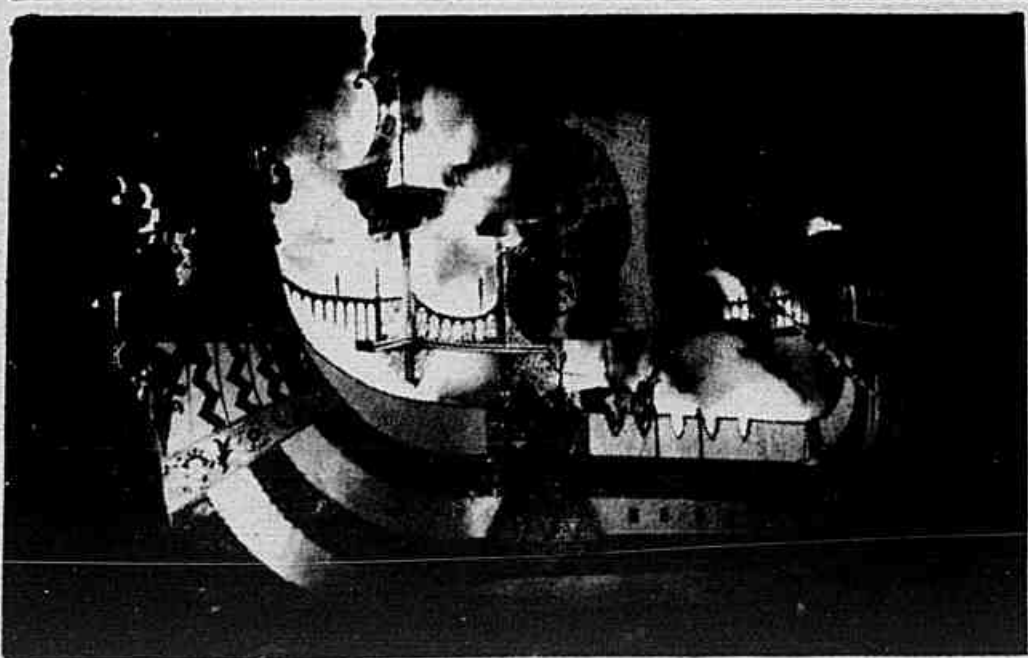
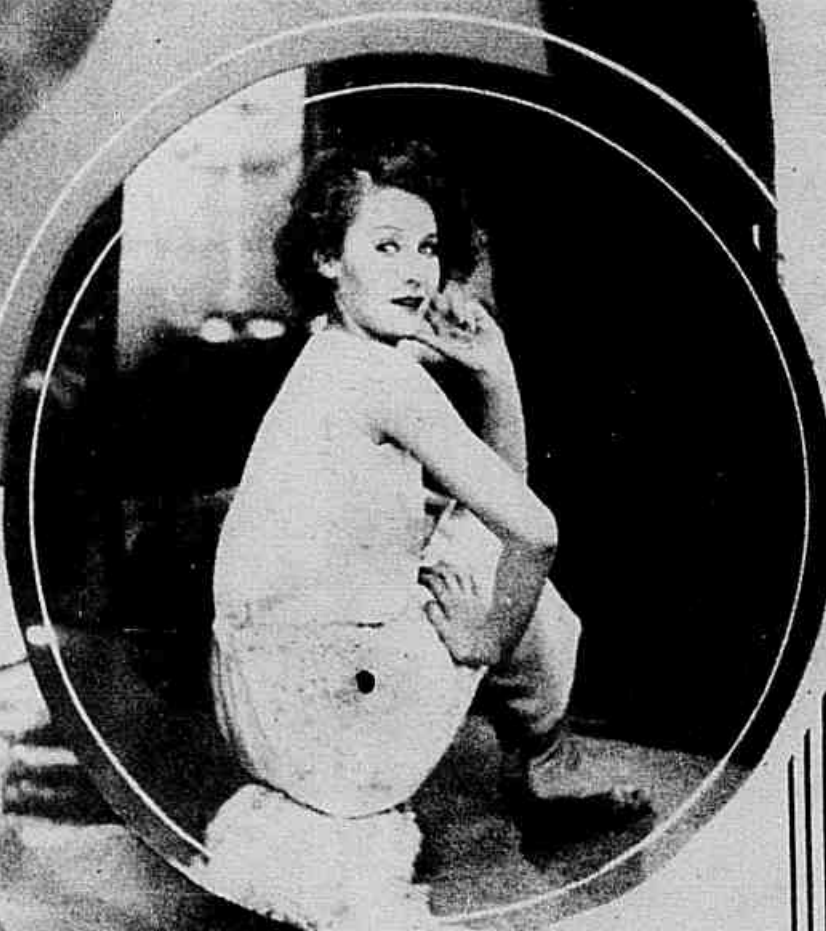
FILM DA UFA

Numa estreita rua do Cairo vive o sapatei-Ali cuja mulher de genio irriquieto torna a vida do pobre trabalhador um verdadeiro inferno. Certa tarde, entra na pequenina tenda um estrangeiro mysterioso que entrega a Ali uma correia para remendar, na qual está preso um lindo apito e promette voltar mais tarde. Após um dia de intenso calor, a noite desce sobre a velha cidade, cobrindo-a com um manto de entorpecedores segredos e mysterios orientaes. Em casa todos estão dormindo; somente Ali continua a remendar sapatos e a bater, de quando em vez, a sola bruta para os seus trabalhos. Quando inicia o concerto que o estrangeiro encommendára, o demonio da curiosidade leva-o a experimentar o interessante apito e. . . oh, maravilha — despertados pelo som fascinador do pequenino objecto, todos se levantam e começam a dansar com frenesi até que, vencidos por uma emoção singular, cahem desfallecidos ao solo. Entre os escravos daquella embriaguez está Fatme: Ali, receiando que sua esposa, ao despertar, ficasse enraivecida, foge rapidamente com o apito e dirige-se ao porto onde um bello navio está levantando do ferro. Num segundo, resolve esconder-se num sacco e é levado para bordo como parte do carregamento.

Na longinqua capital do Sultão, o marechal principe Hussein fez uma entrada levando como seu prisioneiro o principe Achmed cuja presença é admirada por Zobeide, favorita do Sultão e pela filha deste, a princeza Gylnare que joga uma rosa aos pés do recem-chegado e com elle troca uns olhares furtivos. Achmed é recolhido á prisão.

Como premio pela victoria alcançada, o principe Hussein pretende obter a mão da princeza Gylnare mas, segundo os costumes da côrte, a decisão é entregue ao astrologo de palacio.

Durante a viagem, Ali é descoberto e conduzido á presença de um gordo principe indiano, commandante do navio, recebendo como castigo a obrigação de ser seu servo. Esse nobre ricaço dirige-se para a côrte do Sultão a quem deseja pedir Gylnare em casamento. O astuto astrologo tendo sabido da chegada do principe prophetiza que "pela lua cheia as aguas vão falar". E' noite de lua cheia. A's escondidas, Gylnare communica-se com Achmed mas como Zobeide deseja este principe para si denuncia os amantes ao principe Hussein. Entrementes manifesta-se um pavoroso incendio no navio que se approximava de terra. Os passageiros jogam-se ao mar e, poucos

(Termina no fim do numero).

LILIAN
HARVEY,
A
CASTA
SUZANNA
DA UFA...

A Comedia d.

a atiçar o fogo da paixão, já se acha aquelle demonio que tem a seu cargo tentar o proximo na quebra do nôno mandamento.

Jenny, estonteantemente bella, abrazada pelos calores do dia, sentindo-se nos braços de um homem possante, como que desmaia, e, insensivelmente, levados por um mesmo movimento, colam-se-lhes os labios num beijo longo, demorado. Algumas senhoras, que passam, vêem a linda scena de amor, e sabendo tratar-se do marido de Helena, ficam logo comichantes para espalhar o escandalo.

Helena Blaisdell, casada já ha alguns annos, é uma dessas esposas que depositam illimitada confiança no marido. Por outro lado, John Blaisdell, o esposo, jámais exorbitou dessa confiança que nelle tem a mulher. E assim, ainda que lhe contem alguma falta do marido, não na acredita Helena, pois a conducta de John têm sido sempre irreprehensivel.

Mas um dia, por uma dessas ciladas do acaso, recebe Helena a visita de uma amiga da infancia que vem com ella passar uma semana. Dada aos sports, Jenny, que assim se chama ella, encontra em John um parceiro de primeira ordem, um *sportsman* perfeito, principalmente no *golf*, em que é o rapaz um verdadeiro prodigio.

Dias depois, emquanto jogam *golf* — fóra das vistas de Helena, succede John atirar uma bóla á distancia, com grande impeto, e estando Jenny ao alcance, apanha-a o bolaço em cheio. John corre para ella, procurando saber si se tinha magôado com o choque.

— Oh, desculpa-me! Não foi por gosto que te bati? Onde te dóe?

— Foi aqui... Mas não é nada, diz Jenny, mostrando a parte contundida. John, por mero cavalheirismo, toma a moça nos braços, levando-a a sentar-se debaixo de uma arvore frondosa, que fica no acêro do campo. Ahi,

No "Country-Club", onde pouco depois vem ter Helena, começam as senhoras com os mexericos sobre aquelle beijo de John e Jenny. Momentos depois, ao entrarem os dois, e estando já presente Helena, abrem as mexeriqueiras o seu cortar da vida alheia. Mas a esposa de John, tendo sido informada de tudo, recusa-se a dar credito á historia, com o que exultam os dois namorados.

Chegando á casa, áquella noite, Helena chama o marido á parte, e diz-lhe á queima-roupa:

— John, aquellas mulheres não mentiram... Eu mesma assisti, sem ser vista, á scena daquelle beijo... Agora só quero que me sejas franco e digas quaes são os teus intentos para com Jenny.

E á moça, que acaba de entrar na sala, pergunta Helena com serenidade de animo:

— Jenny, será isto um novo *flirt*, ou amas mesmo o meu marido?

— Naturalmente que o amo, e elle me ama tambem! responde Jenny com a maior calma possivel.

— Confesso que a amo, confirma John. Mas o meu amor por Jneny é algo que não comprehendes, Helena. E' um sentimento nobre, elevado! Não precisa que te mortifiques por isso: estamos promptos a abafar, com sacrificio, o nosso affecto...

AMOR

(WISE WIFE)
FILM DA DE MILLE

O marido . . . . TOM MOORE
A mulher . . . . PHYLLIS HAVER
A outra . . . . . . JACQUELINE LOGAN
O noivo desta . . . . . . JOSEPH STRIKER
O pae de Helena . . . . . . FRED WALTON
O creado . . . . ROBERT BOLDER

— Não; si ha de haver sacrificio, sou eu quem o faz. Provado que seja a sinceridade do teu amor por Jenny, diz Helena ao marido, estou promp̃ta para dar-te a liberdade por meio de um divorcio. Mas, antes de tudo, quero certificar-me de que este affecto, de que vocês falam, é mesmo verdadeiro...

* * *

Postas as cousas neste pé, começa Helena, embora intimamente torturada pela amarga realidade, a exercer a mais acurada vigilancia sobre o marido e a sua amiga.

— Quando vocês se conhecerem mais intimamente, diz Helena aos dois: hão de notar que no matrimonio nem tudo são flores! Ha maridos que roncam e esposas que bocejam!...

Tal como imaginára Helena, eis que o dois amantes começam a se aborrecer. Em um pic-nic, organizado por John, trama Helena um estratagema seu, que dá optimos resultados. E ainda mais, ao voltarem, naquella noite, encontram na vivenda, esperando-os, um rapaz vindos dos estados do sul, noivo de Jenny, que, tendo sabido em parte da historia escandalosa daquelles amores da namorada com um homem casado, vem disposto a tomar um desforço.

E, com effeito, ao ver descer o par do automovel, atira-se a John, de revolver em punho, pedindo uma explicação. A intervenção de Helena logra sustar a tragedia. Ao invés de zangar-se com o rapaz por ter aggredido ao esposo, vale-se delle a artificiosa Helena, e convidando-o a ficar como hospede da familia, começa a desenvolver o fio de um namoro ficticio, só para amofinar os animos do esposo.

John não leva muito tempo a comprehender a imprudencia do seu acto leviano, indo ter com a esposa, pedindo-lhe perdão. Helena, porém, não se dá por vencida. Antes, pelo contrario, mostra-se indifferente, o que preoccupa John de maneira aterradora, temeroso que se faz de que a mulher queira mesmo pôr em pratica aquella historia do divorcio...

Emquanto isto, descontentes um do outro, morrem silenciosamente as derradeiras chammas daquella paixão violenta que um dia de sol e uma partida de "golf" haviam diabolicamente implantado na alma de dois jovens irresponsaveis...

(*Termina no fim do numero*)

A Maior

DE L. S. MARINHO
(Representante de CINEARTE em Hollywood)

Está difficil! Não sei como dar começo a esta historia. Imanem! Quero escrever a entrevista que tive com aquella mexica- levada da breca, que pouco faltou para levantar Hollywood los ares: — Lupe Velez! Tentei varias vezes escrevel-a e só ora, depois de tanto tempo do nosso encontro, posso rabiscar tas linhas.

Não gostava de Lupe Velez. Não sei por que. Mas não stava. Nem della, nem de nenhuma dessas mexicanas de Hollywood. Foi Raquel Torres que me fez mudar de idéa. E afinal, se bem que não gostasse de Lupe, eu tinha de entrevistal-a para "Cinearte", não é? Antes de lhe ser apresentado, passei tres horas a esperar que Griffith acabasse de dirigir uma scena de "Melodia do Amor". Aliás, o grande director não me impressionou tão bem, como no dia em que o entrevistei e o vi dirigir "A batalha dos sexos". A scena era vulgar e monotona. Durante tres horas de espera, observei Lupe Velez e senti a influencia do alvoroço que ella fazia. Comecei a mudar de idéa e hoje... estou quasi louco, tambem, por Lupe Velez!

Ao meu lado, um camarada com a cara assim de poeta e o bigodinho mesmo a moda do David Mir, estava extasiado com a pequena que quebrou a linha de Gary Cooper.

Falava sosinho, baixo. Parecia que estava declamando: "— Fogo... Sangue fervilhado nas veias... Sangue mexicano... — ... Formidavel... Admiravel..."

Virei os olhos para o seu lado e mudei de lugar. Não fez nenhum barulho com a bocca porque Lupe estava cantando e se o microphone não me apanhasse, ella poderia pensar que era com ella. Demais, numa época em que um espirro dentro duma montagem está custando 500 dollars, a gente deve ficar bem quietinha.

Quasi desisti de esperar. Griffith quando dirige, esquece de almoçar e, uma vez esquecido de si, proprio, os demais tambem são esquecidos.

E eu fiquei ali firme, a soffrer até fome para conhecer Lupe Velez... que continuava a pintar o sete no "set"...

Cantava. Dansava. Dizia uma graça para um lado e para outro. Batia palmas, dava palmadas no William Boyd, beliscava o Griffith só para ouvil-o dar um gritinho de dôr e piscava o olho para os electricistas, lá em cima. O typo da pequena que tem bicho carpinteiro. E eu imaginava como o sangue quente daquella mexicana como dizia o tal poeta, mexia com os nervos de todos. Eu ia mudando a opinião que tinha sobre ella e tambem já estava fora de controle.

A sensualidade de Lupe, enchia o ambiente de vida... e fazia Mary Pickford, que estava assistindo as filmagens, dar um passeiozinho, encabulada. Os carpinteiros, operadores e electri-

Bomba do Mexico

Lupe Velez e L. S. Marinho de CINEARTE

"Lembro-me agora. Não esteve em minha casa, ha um anno, com um jornalista de Mexico?"

— Sim, respondi-lhe.

— "Naquelle dia estava doente, e não pude ter o prazer de conhecel-o. Mamãe falou-me a seu respeito. Tinha trabalhado muito para sahir-me bem n"O Gaucho" e o resultado foi ter ficado doente com prostação de nervos.. Naquelle tempo em que estive em casa de Lupe, creio que havia alguma rivalidade entre ella e Dolores Del Rio, porque era um tal de cortar a casaca da vida alheia!

Sua senhora mãe... bôa senhora e bôa lingua ferina tambem, não parava de abençoar a Mary Pickford, causadora, directa de seu successo... isto é, pela parte que teve naquelle film. O resto não sei...

Hoje em dia, Lupe é quasi outra Lupe. Depois que está amando o Gary Cooper, está mais socegada, porém, seu socego não é duradouro. Seu sangue não a deixa ficar parada por muito tempo.

Ella ainda é o que os americanos chamam de "wild cats". No dia que lhe faleï, ainda nada havia com Gary Cooper. Hoje estou doido para perguntar-lhe alguma cousa a respeito.

"Mande dizer a sua revista, que fico muito agradecida pela gentileza. Venha cá em meu camarim, onde poderemos conversar um pouco. Nós, latinos, nos entendemos bem. Estou muito cansada, se não fôra para o Brasil, lhe dizia "good-bye" agora mesmo".

Tanta bondade Lupe. Disse-lhe que preferia que ella fosse descansar, e fariamos a entrevista outro dia.

"Não não! Nada de outro dia. Hoje mesmo".

Mas, toda esta boa vontade, não foi "hoje mesmo". Porque o Griffith teve a infeliz idéa de vir juntar-se ao grupo. Gelou o ambiente e tive que sahir para o primeiro café que encontrei, porque estava roxo de fome, deixando longe Lupe Velez e sua personalidade abrazadora.

cistas que têm tantas ligas e sociedades não se lembravam de que já tinha passado a hora do almoço. Olharam a liga de Lupe e não ligavam a mais nada.

E a mexicana que nós todos adoramos, sempre que acabava de repetir uma scena, ficava de joelho perto de Griffith. Cabeça apoiada nos seus joelhos, a ouvir o que elle explicava.

Depois, um beliscão e corria.

Tambem, quem mandou Griffith deixar Lillian Gish e Carol Dempster e bulir com Lupe Velez?

Afinal depois de William Boyd já ter "pregado", a ponto de ir deitar-se, fui apresentado a Lupezinha.

— Do Brasil, senhor Moreno? (Moreno é a sua vó!) Como adoro o seu paiz! Dizem que todos os brasileiros gostam muito dos mexicanos!

E depois de sorrir e dar algumas revira-voltas:.

"Gostou desta scena?" Não tem nada de importante, nem de extraordinario, mas como este film é meu, espero que sahirá melhor do que "O Gaucho", quanto ao meu trabalho.

Esta historia era para Gloria Swanson, depois passaram para mim. Estou encantada, mas, se este film não sahir de meu agrado, outro sahirá. Trabalho muito, e sempre disposta, pois tenho empenho de vencer."

Depois de fixar-me, o que me poz com uma tonteira:

Antes de sahir, falei com William Boyd, que era seu galã. O mesmo homem dos films. Calmo, camarada, e sem pretensão. No entanto, a Jetta Goudal que tambem trabalhou no mesmo film, estava sentada perto a mim, e chorava perto de um homem qualquer, para que a deixasse ir embora, uma vez que nada estava fazendo ali.

Com a Jetta Goudal tive uma grande decepção

(Termina no fim do numero).

Como se faz Um film Fallado

- 125 -

"Und für m e i n Geld sich mit Frauenzimmern rumzutreiben! Das könnte ihm so passen !!!"

371.
(Nah)
(Tf.-A.)

Da hat aber der Soldat genug: Er schnellt jäh hoch und schlägt auf den Tisch, daß alles umfällt:

"F r a u e n z i m m e r ? ... Dieses "Frauenzimmer" ist trotzdem mehr wert als Du und Deine ganze Sippschaft!"

Und er reißt vom Kleiderhaken seine kleine Mütze herunter, haut sie schief augenwärts in die Stirn, reißt die Tür auf und ist auf und davon. Die Tür fällt hinter ihm mit großem Geräusch ins Schloß.

372.
(Nah)
(Tf.-A.)

Die Tür der Dorfkneipe wird aufgerissen. Herein tritt mit wütendem Gesicht der Soldat.

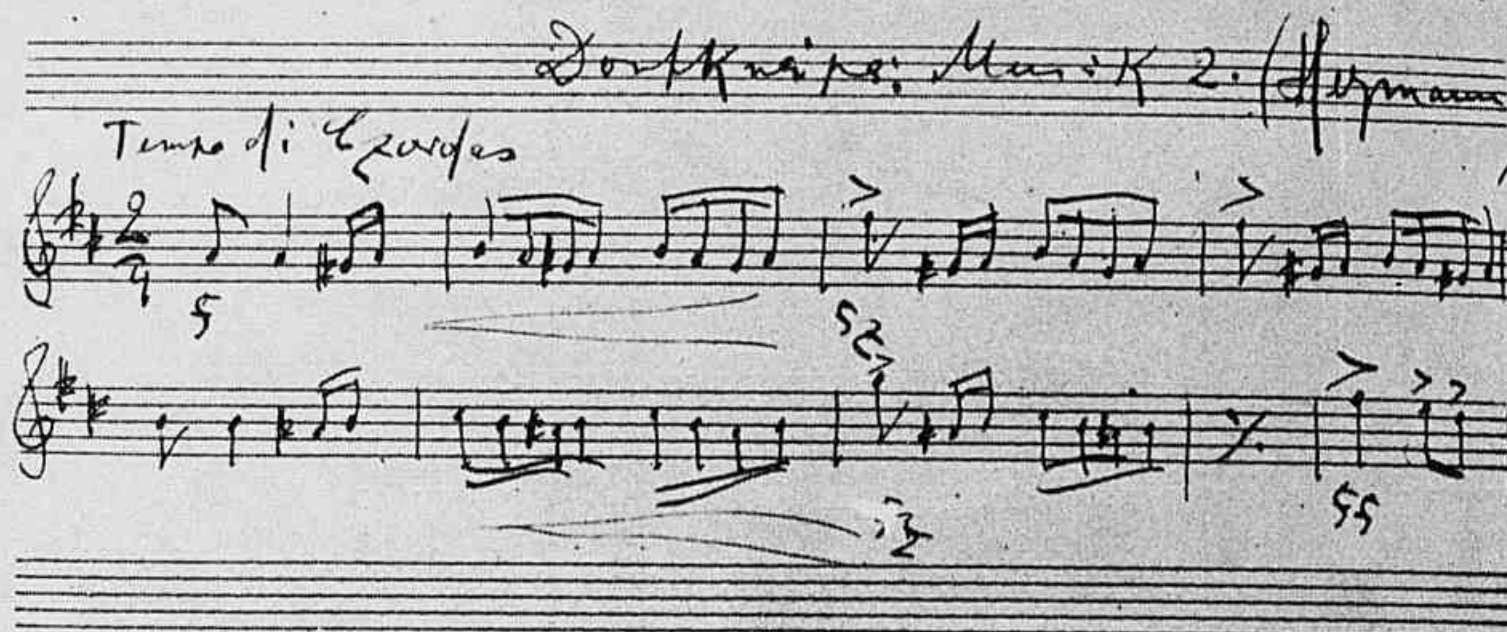
373.
(Nah)
(Tf.-A.)

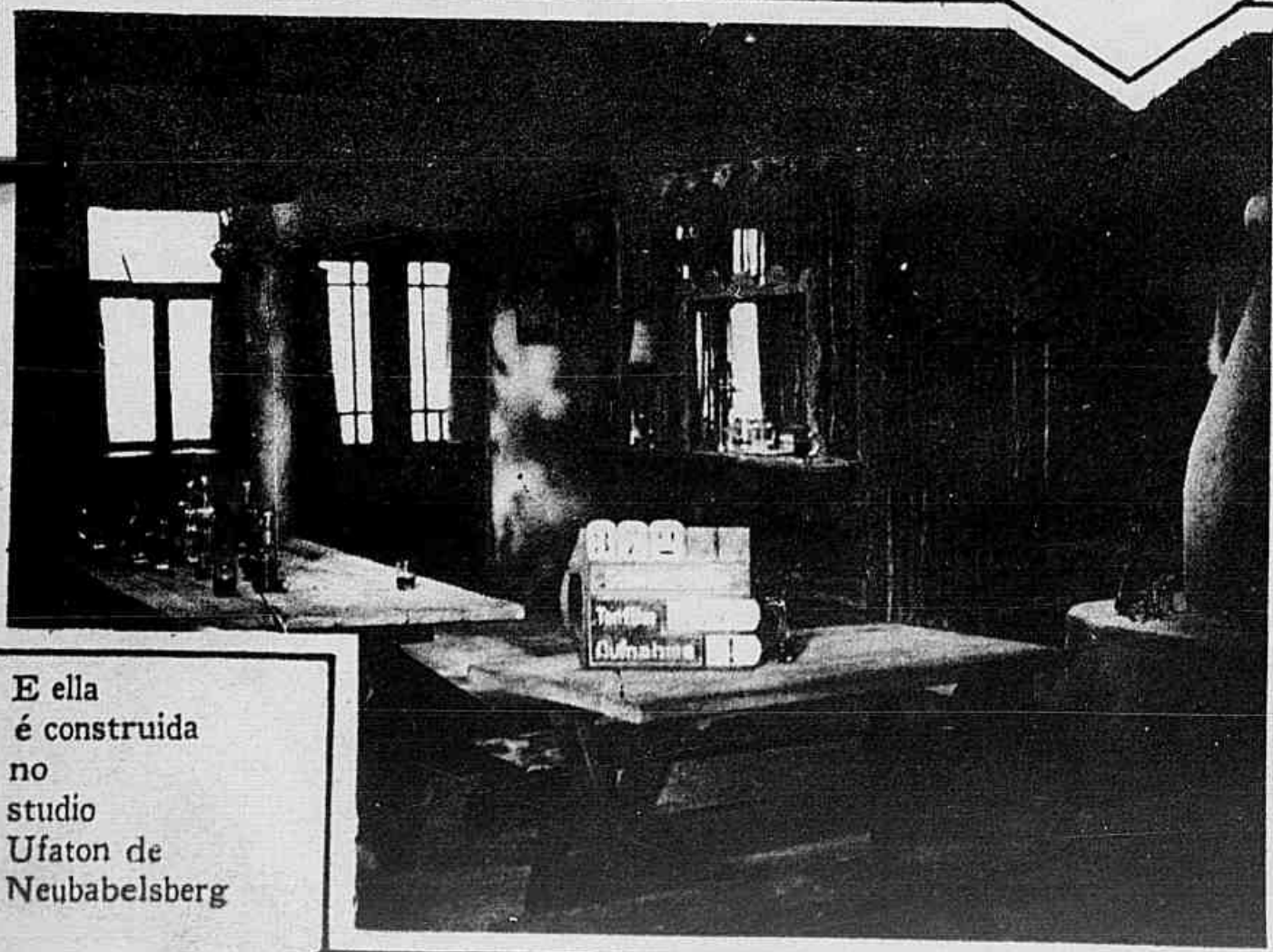
Die Bauern schauen verwundert auf. Die Kneipe ist zum Brechen voll. Schwerer Tabaksrauch liegt in der Luft. Eine primitive Dorfzigeunerkapelle spielt auf.

374.
(Nah)
(Tf.-A.)

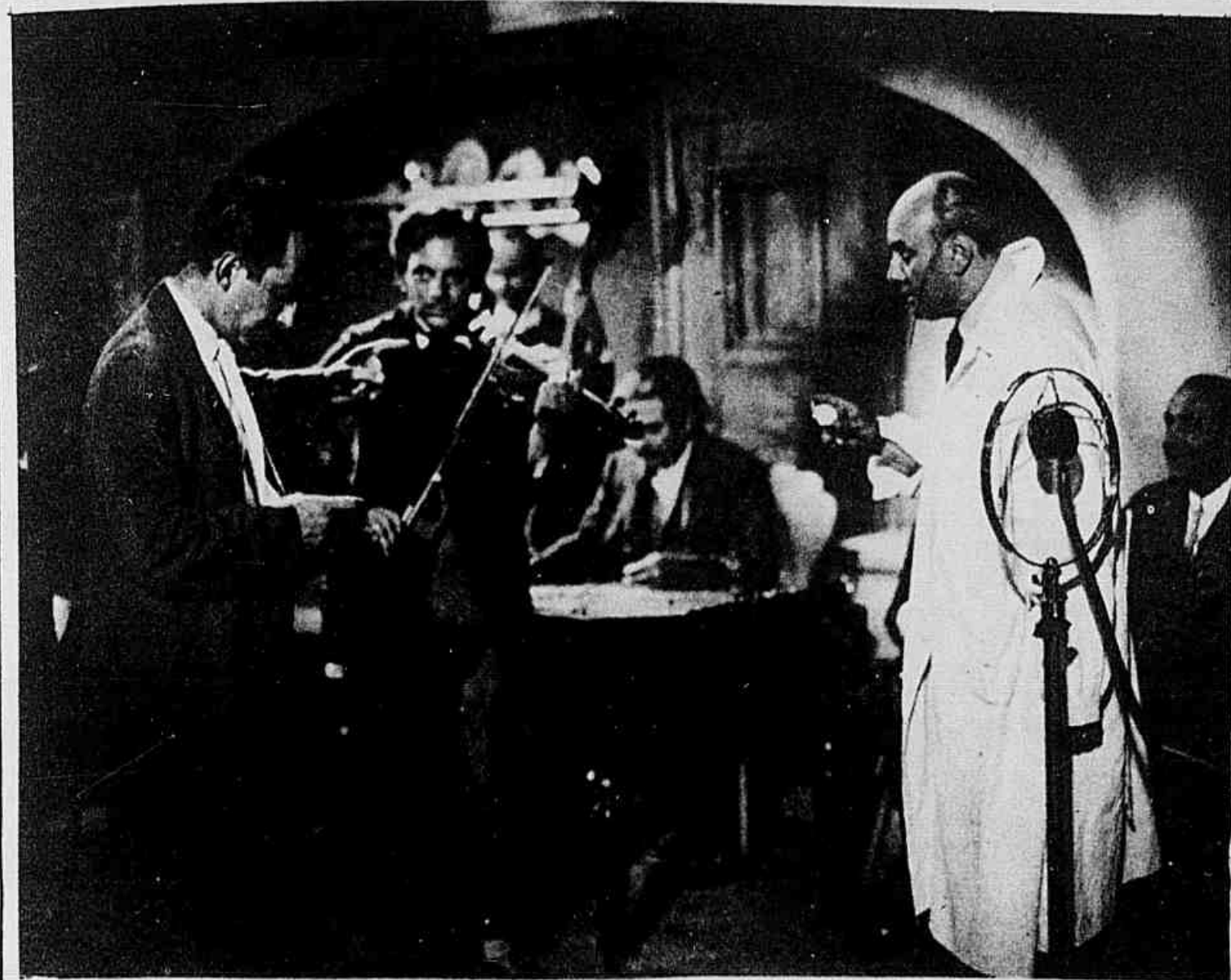
Der Soldat tritt mit zusammengebissenen Zähnen zu der Schenke.

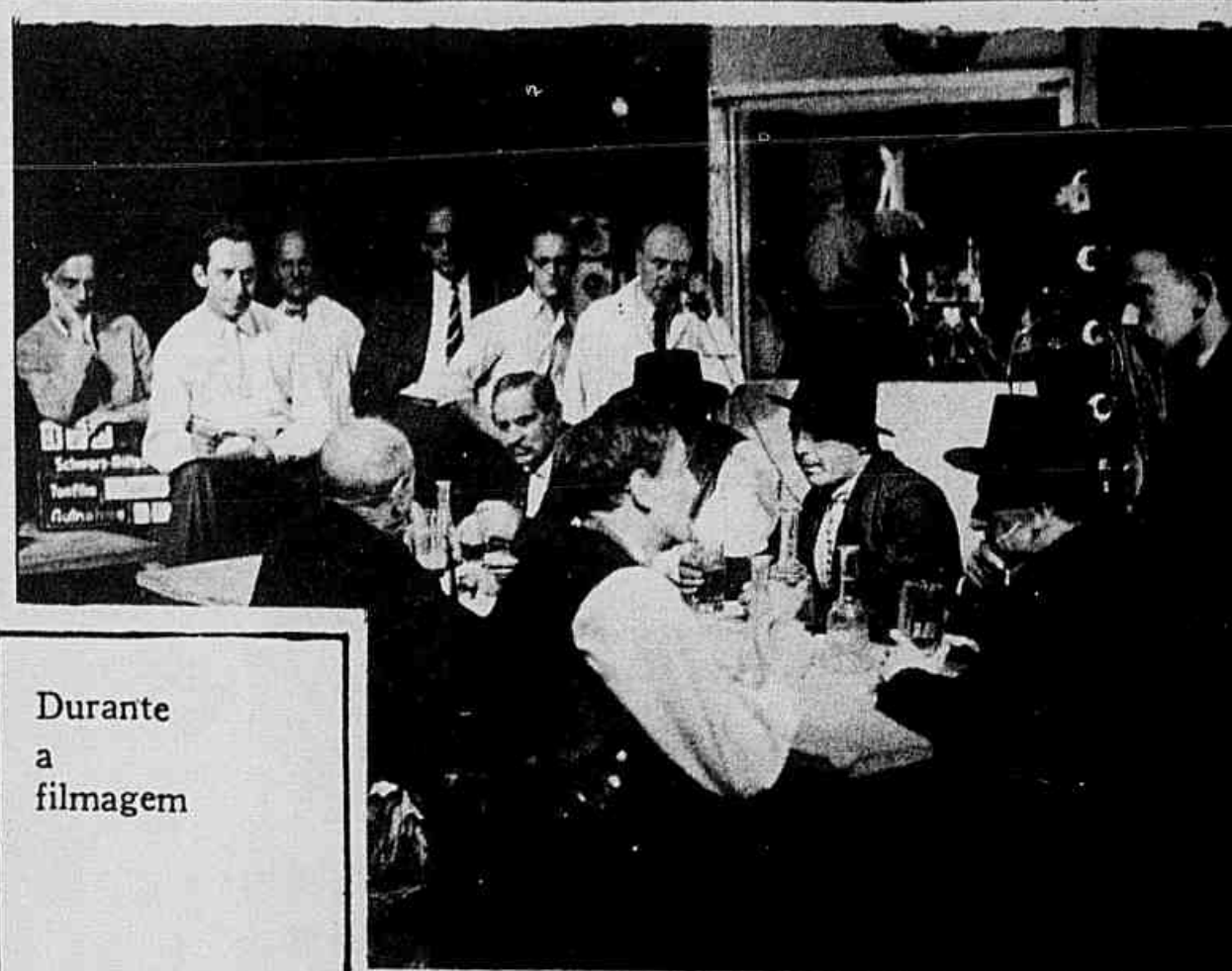
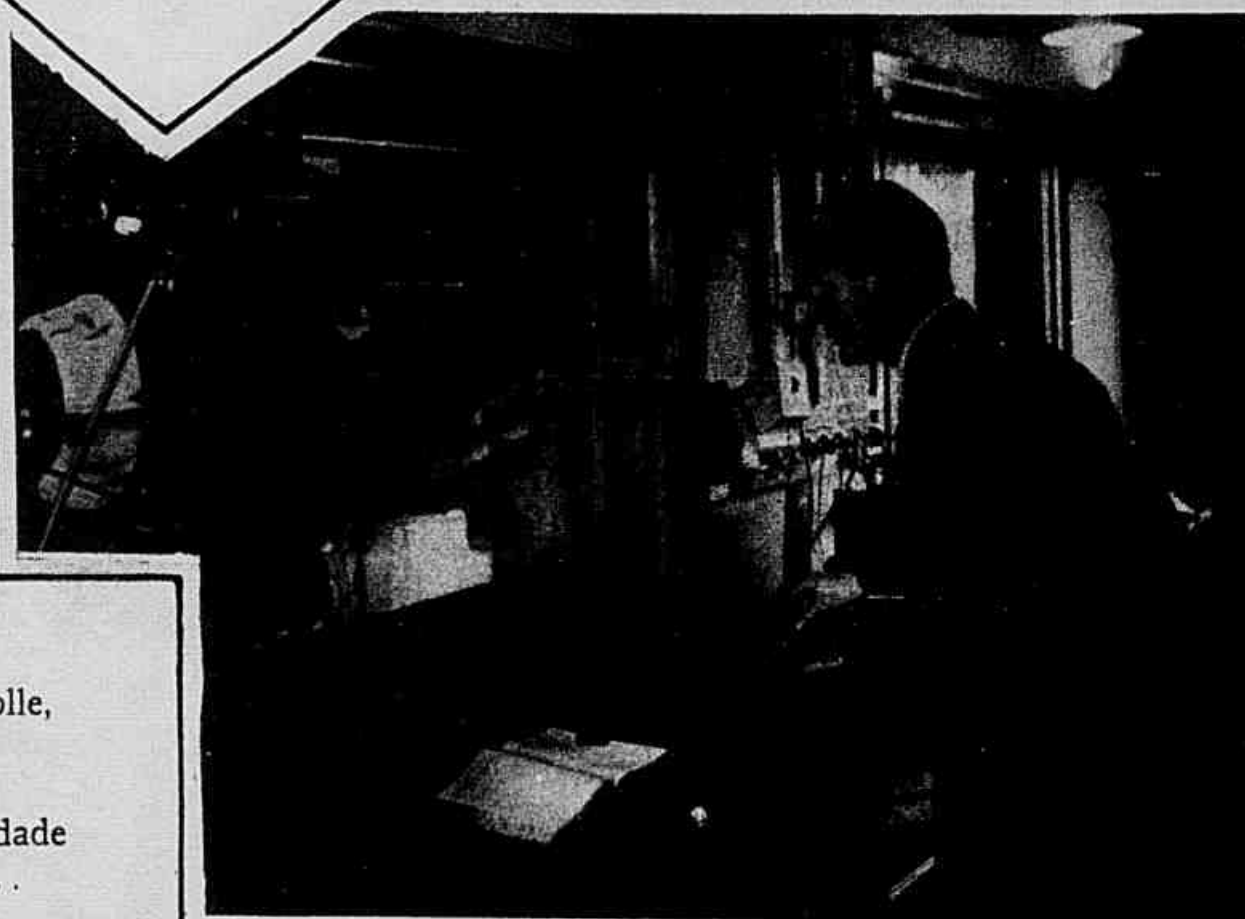
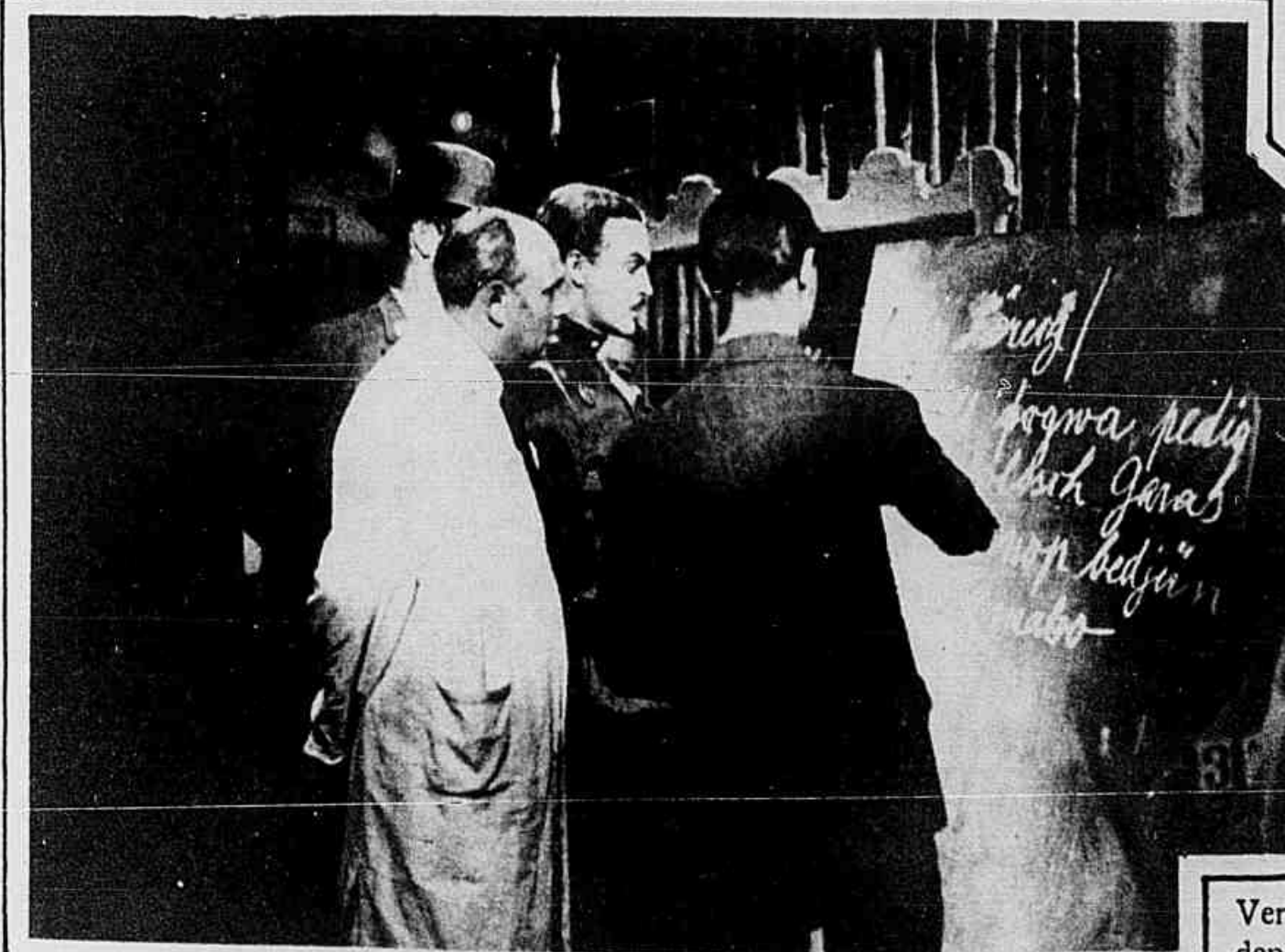
A primeira coisa que, se faz, é um scenario.

E Werney Heymann empresta-lhe uma musica adequada.

Feito isso reune-se o estado maior. Hams Schwarz, Erich Pommer, operador Günther Rittau e o compositor Heymann.

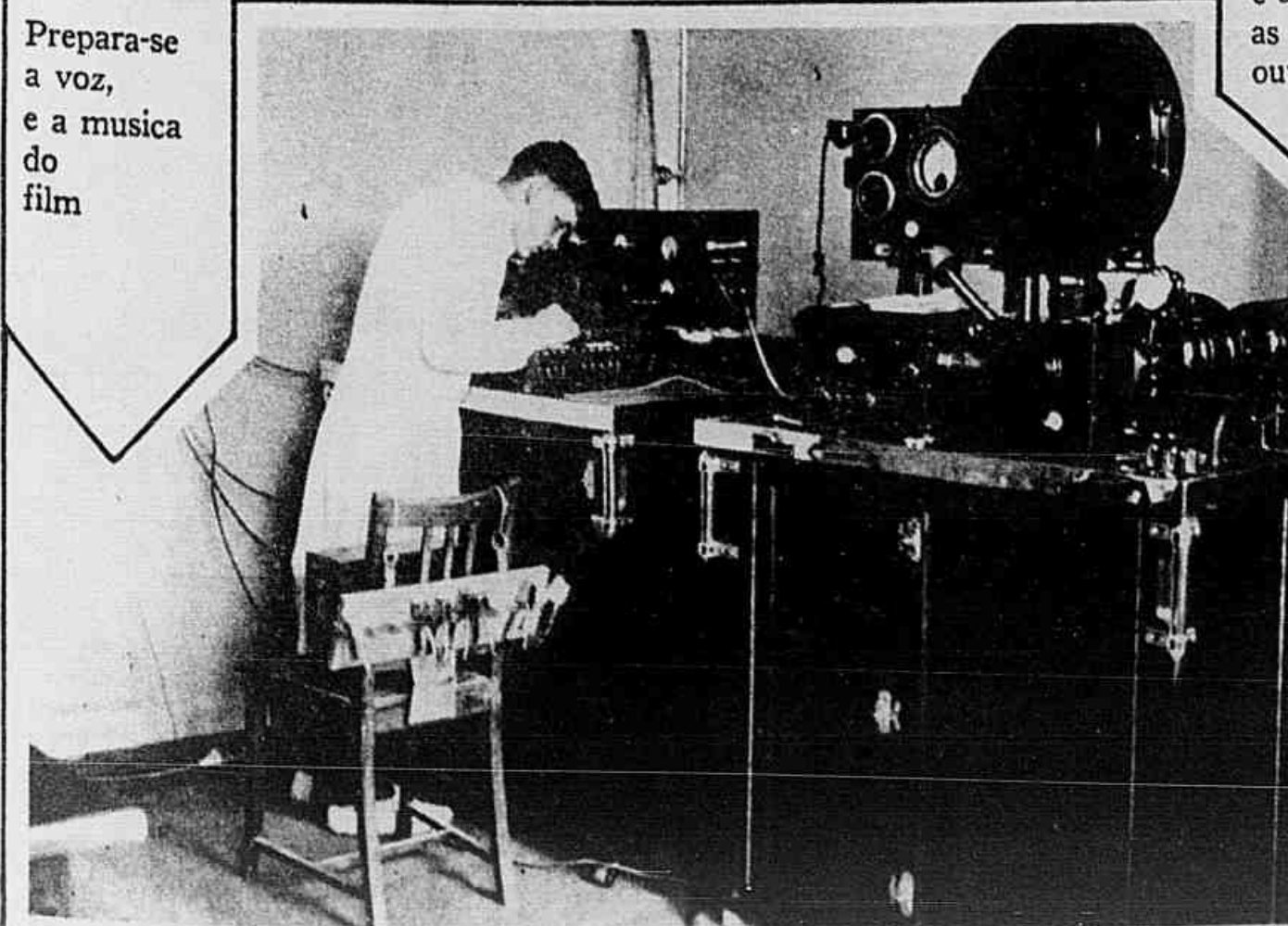
O architecto Erich Kattelhut idealiza a montagem.

E ella é construida no studio Ufaton de Neubabelsberg

Começa-se a filmagem...

ASPECTOS NOVOS DO CINEMA. A QUANTO OBRIGAM OS FILMS DO "OUTRO CINEMA"...

Durante a filmagem

A orchestra de Zingaros colloca-se perto do microphone. A esquerda, o compsitor Heymann e a direita o director Schwarz.

E na cabine de controlle, fixa-se e regula-se a intensidade do som...

O film tem que ser feito em varios idiomas e Willy Fritsch tem que aprender hungaro. Porque a acção da historia se passa na Hungria.

Vem depois a professora de inglez, e assim, as outras...

Prepara-se a voz, e a musica do film

E é exhibido para o mesmo Estado Maior...

De Hollywood para Você...

DE L. S. MARINHO

(Representante de

"Cinearte" em Hollywood)

MARIA ALBA GOSTOU MUITO DA SUA CAPA EM "CINEARTE"

Meus amigos. Tenho feito todo o possivel para evitar que esta minha secção venha a ser cognominada de "columna social", porém, vejo que isto é quasi impossivel .. porque aqui nesta cidade predominam os dois extremos. Social e ante-social. Portanto, convenhamos que o primeiro é mais preferivel.

Desta vez temos um casamento. Colosso, não? E'. O casorio de Mary Eaton com Millard Webb. Elle é director, e ella uma novata nos films, vindo dos palcos de Broadway para os studios de Hollywood.

O casamento realizou-se no dia 1 de Setembro, na "All Souls Church" de Los Angeles, as cinco horas da tarde. As testemunhas foram suas irmãs Evelyn, Pearl e Doris. Por parte do marido foram, Herbert Brown, Joseph Eaton, seu irmão Charles, Bryan Washburn, Ned Marian e Al Rockett. O padrinho Robert Webb. Esta distribuição não sei se sahiu certa, porque não me recordo de quando casei... já faz tanto tempo...

Flores, abraços, beijos, parabens depois de ter o padre consummado o acto. Prompto — marido e mulher.

Casados elles foram para o Beverly-Wilshire Hotel onde houve uma bruta recepção. E lá, mais abraços, e mais beijos, e mais parabens... Fala-se dahi, fala-se daqui; velas ardendo e gente a valer. Este é o segundo casamento de estrella a que assisto. Para falar verdade... é mais paulificante do que outra cousa qualquer. Uff!...

Vamos aos presentes: John Barrymore, Dolores Costello, Norma Shearer, Billie Dove, Laura La Plante, Constance Talmadge, Natalie Talmadge, Zazu Pitts, Buster Keaton com a cara mais seria deste mundo, Monte Blue todo sorridente, Bebe Daniels recebendo parabens... pelo film "Rio Rita", emquanto o mesmo se dava com a outra recem-casada, Ann Pennington, Marion Davies perguntando se gostaram de seu film "Marianne", Bessie Love envergada num lindo vestido de sêda branca, contando a um estranho como succedera seu accidente recentemente. George Bancroft a fazer graças para Conrad Nagel, etc.

Desta vez a lista é grande. Imaginem que eu levei o caderno e o lapis!...

E lá vem nomes. Duoglas Fairbanks Jr., num suave devaneio com Joan Crawford, Carmelita Geraghty, Joseph Schenck, Roland Drew, Lubitsch, Carl Laemmele Jr., sempre sorridente, Dorothy Revier, em animada palestra com Jack Mulhall, Will Rogers, Von Strohein, William Beaudine, William Haines... Basta! Vamos parar que já estou farto de tanto escrever nomes. Tanta gente, mas não se póde falar com ninguem.

Não ha cotinuidade em cousa alguma; um simples vae-e-vem, falatorio de cousas sem importancia, films, talkies, e outras sem valor.

Por isto, vamos passar adiante.

No restaurant, perdão, no cabaret Paulo

"THE TALMADGE", CASA DE APPARTAMENTOS QUE A NORMA DEU DE PRESENTE AO GILBERT ROLAND.

Perrot, Mona Rico era dama da noite, no Sabbado passado. Este pessoal de meia categoria, quando nada tem o que fazer, está sempre occupado com "convites de honra" para festas publicas, cabarets, restaurants, casa de modas, drug story etc.

E seguindo a marcha dos acontecimentos, lá estavam Raquel Torres e sua irmã, Dorothy Gulliver, Alberta Vaughn, Doris Dawson, Helen Twelvetress, Betty Boyd, Mabel Julienne Scott. As outras que por ventura estivessem, eu não as vi...

Carl Laemmle deseja saber a definição exacta da palavra "Hokum". Vocês que por acaso tiverem qualquer suggestão, já sabem, é só mandarem dizer. Aviso, entretanto, que não ha premio para a melhor resposta.

Dolores Del Rio mal chegou de uma tournée pelos estados, foi em seguida devolvida para New York via aerea. Não sei bem o que ella vae fazer na terra dos arranha-céus. Sei apenas que por aqui se fala muito a respeito de seu casamento com uma pessoa com quem ella é vista muitas vezes... Leroy Mason, de "Revange".

Viva a publicidade! Viva!...

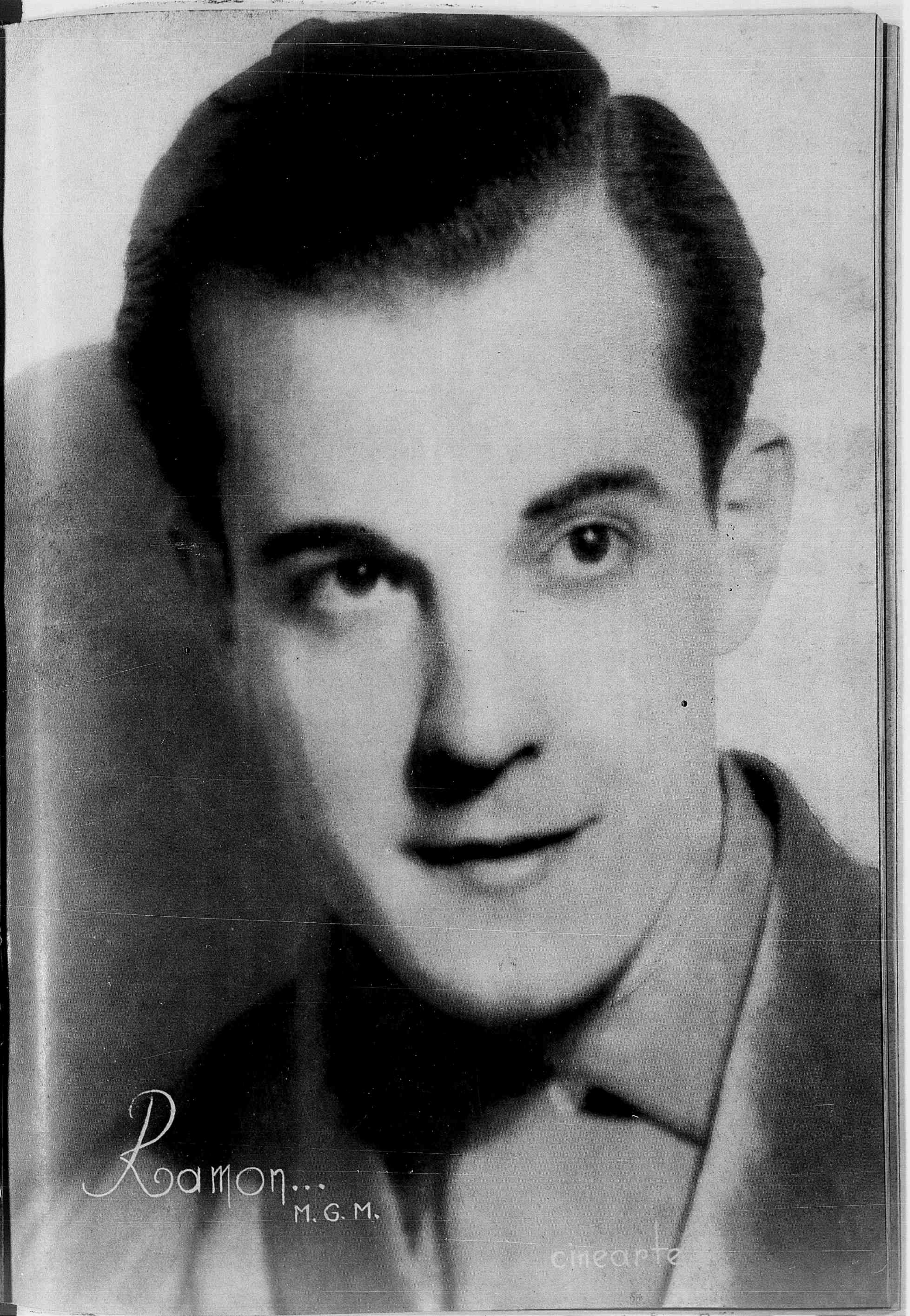
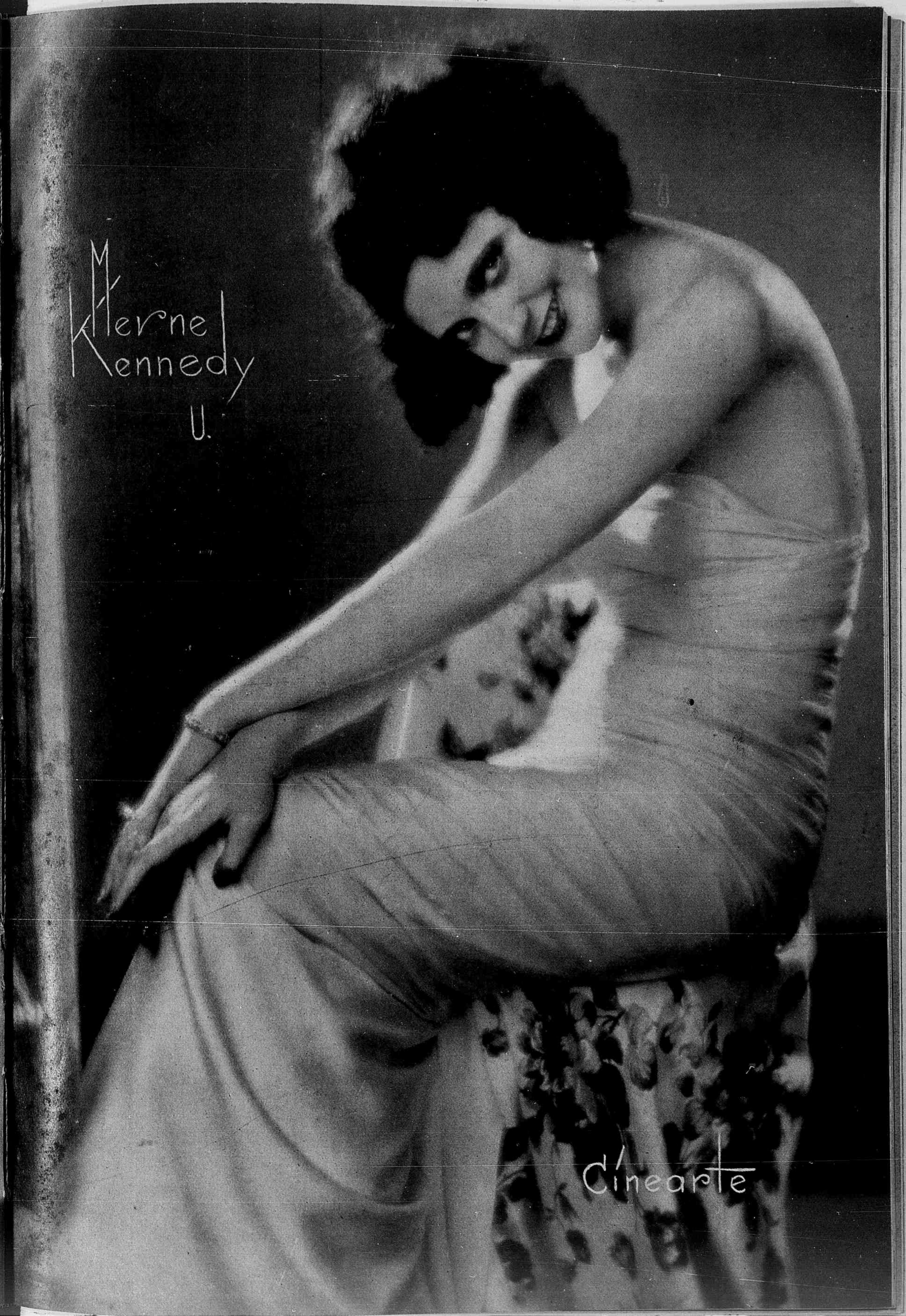
Patsy Ruth Miller e seu casamento ainda acaba em droga. Casa ou não casa, morena dos diabos? Faça logo como a Lupe e o Gary. Todos dizem que elles já estão casados, porém, elles negam. Que calumnia! Não se pode viver socegada nesta terra... Mas, o facto é que, dias depois que escrevi as linhas acima, Patsy terminava a publicidade a respeito do casorio. Comprehendem? Já casou.

Dorothy Reid, viuva do inesquecivel Wallace Reid, resolveu mudar de tactica. Antigamente ella somente fazia films contra os toxicos. Se deu resultado moral, eu não sei, mas, para futuro já não será mais a mesma chapa. Quero crer que será comedia, porque Raymund Hatton é o cabeça de seu proximo film "The Dude Wrangle".

Jean Crawford accendendo seu cigarro, emquanto esperava abrir o signal para passar com seu Cadillac... todo verde... George Walsh em seu Ford... Como está gordo o George!... Ah! Esquecia-me. Elle acabou mais uma vez de dizer-me que sua viagem ao Rio de Janeiro, está proxima... Aguardem...

Curioso. Joan Crawford e Nancy Carrol têm cabellos de fogo, e ambas têm autos iguaes, e da mesma marca, e da mesma côr. Uma é tão "bonita" como a outra...

(Termina no fim do numero).

L. S. MARINHO REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD E RODOLPHO GALLANTE, UM BRASILEIRO DANSARINO QUE TAMBEM FIGURA NOS FILMS...

Ramon...
M. G. M.

Carol Lombard

PATHÉ

Merna Kennedy
U.

Cinearte

Gary Cooper e Mary Brian
P.

Cinema de Amadores

CHARLES BRABIN, director da "Ponte de São Luiz Rey", dirigindo uma pose de Raquel Torres e Ernest Torrence para um visitante ter sua recordação de amador...

O FACTOR CONTINUIDADE — UMA ANALYSE DO ALICERCE DE UM FILM MODERNO.

HOJE em dia, com o seu terrivel e vasto caminho marcado antecipadamente, a technica do film não é menos complicada nem menos detalhada que a de qualquer outra industria similar... até certo ponto. O automovel, por exemplo; hoje em dia, o film é como o automovel. Suas partes constitutivas não sáem já definitivamente promptas nem concebidas do cerebro de um homem. Ellas são analysadas, examinadas em seus innumeros detalhes. As conveniencias e as inconveniencias são pesadas. Cada simples detalhe que nos escapa, a nós, é o resultado de innumeras experiencias, algumas das quaes nos parecem tão tolas que o amador de Cinema que os examinasse pela primeira vez seria capaz de nem prestar-lhes uma attenção siquer.

Tome-se, por exemplo, o "scenario". A palavra, commum e usual cinco annos atraz, está entrando num periodo de esquecimento expressivo. Della têm sahido outras denominações mais empregadas hoje em dia. Por exemplo, referimo-nos a uma "historia" ou a uma "continuidade", e mesmo aquellas "historias" estão desapparecendo para darem logar a um "original" ou a uma "adaptação", conforme foram escriptas para a téla, ou para qualquer outro meio de divulgação, como o theatro ou a imprensa.

Todo aquelle que tem estado mettido com o Cinema ha mais de quinze annos — digamos mesmo dez annos — póde recordar-se perfeitamente do que era e do que se chamava de "scenario". Naquelle tempo, até mesmo "um bom incidente" era bastante para ser a base, o alicerce de um film. Um cavallo saltando um precipicio de um modo differente, um accidente automobilistico de uma feição nova, uma collisão mais realistica eram bastantes para assegurarem um successo de bilheteria, dês que a distribuição e a direcção fossem racionalmente bôas. E' verdade que esses accidentes não eram tão faceis assim de se fazerem, como nos dias actuaes das miniaturas, dos vidros decorados, das duplas-exposições e das camaras automaticas. Naquelles tempos, quando um automovel era visto correndo á toda, na borda de um precipicio, era porque elle tinha feito mesmo aquillo, tal e qual. A's vezes, o precipicio tinha uma amurada que não podia ser vista, devido ao baixo angulo de camara empregado. A's vezes, a personagem que nos parecia estar conduzindo o carro não passava de um boneco. Mas de um modo ou de outro, a producção das scenas era difficil, e absorvia a maior parte das energias da companhia.

Foi sómente quando as idéas começaram a nascer, quando todos os films começaram a depender mais dos detalhes da actuação e da direcção, do que propriamente de emoções brutas, que a "continuidade", como nós a conhecemos agora, começou a se mostrar necessaria. A "continuidade" e o "close-up", póde-se dizer, appareceram em conjuncto, um ao lado do outro. Um film não poderá mais ser constituido por "sahidas", "entradas", e simples "movimentações". O movimento physico não é uma actuação, uma representação, no sentido dramatico do termo. Um exemplo psychologico mostrará porque. Olhe-se para uma multidão de pessoas andando ao longo das ruas. No sentido estricto da palavra, essas pessôas estão em acção — essa especie de acção ou movimento eterno que provem dos musculos e do corpo. Agora olhe-se para um vagabundo, faminto, parado em frente á vitrine de um confeiteiro. Apparentemente elle está immovel — apparentemente, porém, não na realidade, porque o estomago se lhe contráe e se lhe expande rythmicamente, todos os musculos do coração e da face se acham em acção, e a pressão sanguinea augmentou, com a vista dos doces e dos bolos expostos á apreciação do vagabundo faminto. Isto que fica apontado não póde ser chamado de movimento, porque não é visual ao olho nú, mas é "acção" — a acção de uma emoção profunda produzida pelo sentido da vista. Ha um termo para definir essa especie de acção: chama-se o "Sentimento".

Quando o Cinema passou do movimento externo para a acção psychologica (ou para o Sentimento), não foi mais possivel recorrer apenas á memoria para realizar, sem falhas, todas as scenas de uma sequencia, e todas as sequencias de um film. E' facil gritar para um actor: "Corra em direcção á esquerda!" Mas não é assim tão facil ordenar, por exemplo: "sinta fome!" Uns detalhes têm que ser introduzidos, de modo a fazerem o "sentimento" não só facil "de ser interpretado", como tambem de "ser comprehendido". E' precisamente essa, a tarefa do scenarista, daquelle que escreve a continuidade. Tomemos um exemplo, para maior clareza.

No recente film denominado "A Ponte de São Luiz Rey", um dos caractéres, um aventureiro, é descripto como sendo tão avisado, que abandonava toda aventura, no momento em que ella ameaçasse ir longe demais.

Como filmar isso? Poderia ser definido claramente em um sub-titulo, mas isso não significaria nada. As forças modernas, denominadas "comedias", estão cheias de titulos assim explicativos, "mas ninguem os toma a sério". Um sub-titulo por si mesmo não importa. E' preciso que elle seja acompanhado de scenas apropriadas, antes e depois. E além disso, deve ser omittido, si o caracter descripto não tem importancia, real. Si, por exemplo, o caracter não affecta a acção dos personagens principaes, o sub-titulo precisa ser retirado, em virtude da lei da "acção significativa", uma lei que exige que tudo quanto entra na construcção de uma continuidade contribúa para o "progresso da acção", ou revelando algum ponto de um caracter, o qual constrúa um tal obstaculo, ou explicando aquillo que, de outro modo não seria comprehendido. Supponđo porém que a independencia desse homem, no film citado, fosse a causa vital da mudança de conducta operada em outros, teriamos que esse facto precisaria ser "estabelecido" desde cedo, na historia.

Neste caso então, a historia começaria assim: "Tio Pio era um velho independente, que nunca permanecia no mesmo logar por muito tempo, e que detestava quaesquer obrigações". O scenarista teria então que collocar esse caracter da historia em um ambiente tal, que nos fizesse conhecer justo como a historia o descreve. Conforme á mesma lei de parcimonia, ou "acção significativa", o scenarista teria que collocar a scena em que se descreve o caracter aventureiro, dentro de uma montagem já preparada para a historia.

E' claro que elle não iria inventar uma montagem só para apresentar detalhes de um caracter aventureiro, e depois não servir mais para nada. Si, na historia, se apresenta o Tio Pio em relações com o governador do Perú, em Lima, então uma sequencia, no Palacio do Governador, poderá servir perfeitamente para revelar a independencia do Tio Pio. A primeira coisa que deve ser o producto de uma reunião de scenaristas (porque poucas continuidades são o producto de um só homem) deve ser a synopse da acção, tal como aquella que se deve passar no Palacio. Essa synopse deve ser mais ou menos assim:

"Tendo-se insinuado nas bôas graças do camareiro do Governador, Tio Pio dá-lhe a entender que, por consideração, elle informará Sua Excellencia de certas coisas que se estão passando. Elle é conduzido á casa de jantar, que o Governador acaba de deixar, e onde permittem que prove um pouco das iguarias. Em vez disso, elle avidamente devora-as. Emquanto elle ainda está comendo, o Governador, que tinha sido informado dos desejos de Tio Pio, volta e escuta a sua historia. Interessando-se bastante, elle dá-lhe algum dinheiro, e manda-o levar a um quarto onde elle encontrará tudo que precisa. Elle então combina para vêr Tio Pio mais tarde, no mesmo dia. Só, no quarto, Tio Pio tem a impressão de estar preso; olha para as paredes e afinal foge pela janella. voltando ao seu retiro, na cidade, onde bebe em honra da liberdade reconquistada".

O seguinte passo é escrever esse incidente, descripto acima, scena por scena, introduzindo o menor numero de montagens e de caractéres possivel, e fazendo o conjuncto de um modo tal que cada scena augmente o interesse na que se segue.

Para uma bôa composição, eis o exemplo de um máo "tratamento":

"Exteriores do Palacio; conversando junto ao portão; atravessando varios corredores.

"O Governador á mesa, antes do Tio Pio entrar.

"Sub-titulos explicando o que Tio Pio está dizendo e como elle chegou até o portão.

"Sub-titulos explicando a fome de Tio Pio.

"Acção que pareceria tornar inhumanos aos creados, fazendo impossivel a sua condescendencia, posteriormente.

"Scena do Governador no outro quarto.

"Acção mostrando deferencia para com Tio Pio. Conversação.

"Entrada dramatica do Governador.

"Attitudes dramaticas de Tio Pio ao contar a historia ao Governador. Toda a scena em um longo "primeiro-plano".

"Sub-titulo dizendo: Ha uma conspiração contra a vossa vida.

Acção theatral do Governador, passeando agitadamente para cima e para baixo.

"Scenas de varios corredores, em caminho para os quartos de criados.

"Escrevendo uma carta ao Governador.

"Varias scenas de ruas, detalhes, etc".

E eis ahi o exemplo de uma má continuidade. Vejamos agora o mesmo incidente, tratado por um bom scenarista, como deve realmente ser:

"*Scena 1. Ultimo Plano*. Corredor do palacio, porta á direita abrindo para a casa de jantar onde o Governador está jantando. Tio Pio é introduzido por um guarda armado (o que faz suppor a idéa de ter vindo de fóra) e é attendido por um dos camareiros. Emquanto Tio Pio sussurra que tem algo de

(*Termina no fim do numero*)

"Marianne"

O MAIS RECENTE DOS FILMS DE MARION DAVIES

MARION E OS SEUS FILMS. AGRADAM SEMPRE...

Rio Film (de Paulo de Magalhães)

OUVERTURE

Era fatal!...

Homem-cartaz, homem-cinematico, "homem-synchronizado - falado - dansado-cantado"... eu tinha que adherir ao Cinema, mais dia menos dia...

* * *

Confesso que durante algum tempo tive a impressão de que o Cinema prejudicava o theatro e — como homem de theatro que sou, acima de tudo, — antipathisava com a marcha avassalante dos cinematographistas no Brasil

* * *

Melhor orientado e observado melhor, cheguei á conclusão de que o Cinema, longe de prejudicar o theatro, póde até servir-lhe de incentivo e de auxilio em muitos casos.

* * *

Dentro desta convicção adheri...

* * *

JORNAL

— "Oduvaldo Vianna", o festejado theatrologo ainda muito "paulomagalhãesmente", — annuncia que vae fazer Cinema-falado no Brasil, que tem dois millionarios para capitalizar a iniciativa, que tem a Fox com elle, que tem o Dr. Julio Prestes como "Vedette" é o Ministro Mangabeira como "Extra".

O Basilio Vianna, apavorado com a iniciativa gigantesca do Oduvaldo, telegraphou á direcção da "Paramount" nos seguintes termos:

"— Oduvaldo matará Cinema americano. Só um homem poderá salvar situação: Eu! Mande cinco milhões de dollars pelo meu amigo Charles Lindbergh que deve vir ao Brasil de avião".

* * *

— "Gracia Morena", a morena mais graciosa do Cinema brasileiro, anda á procura de um galã para o seu proximo film.

Tomamos a liberdade de lembrar um galã maravilhoso: — Viriato Corrêa. Tem "gracia" e é moreno?

* * *

— "O meu amigo Pitanga" é uma "bôa-bóla"... Eu estava no "hall" do Palace. Eram 2 horas da manhã. Da porta do elevador sae o Pitanga. Irritadissimo.

— Não dormiste? Para onde vaes a estas horas?

— Vou tomar ar... Não me deixam dormir... — Como assim? Imagina tu que no quarto ao lado do meu hospedaram-se hontem, dois casadinhos de fresco... Supponho mesmo que é a sua noite de nupcias...

— E dahi?

— Meu amigo... Não é possivel... O quarto ao lado é synchronizado, falado e... cantado.

"Cantado" principalmente...

COMEDIA

"Olhando a sala vasia" do Rialto, onde se exhibia um film nacional falado, o comediographo Armando Gonzaga fez esta perfidia immortal, em relação ao titulo da fita:

— Decididamente... "Acabaram-se os Otarios"!...

DRAMA

Charles Chaplin

Carlitos é um symbolo da vida...
Chóra. Sorri. Cambalhoteia. Guincha!
E em profundo penar se mortifica...
Entanto a plébe mais que ri: — relincha.
Sem comprehender a tragica ferida
Que faz soffrer a alma dolorida
Dos typos que elle vive e glorifica!

BOHEMIOS E A CRITICA NORTE-AMERICANA

A titulo de curiosidade transcrevemos aqui algumas criticas que de "Bohemios", da Universal, fizeram as mais importantes e conceituadas revistas cinematicas "yankees".

PHOTOPLAY — Junho de 1929 — Pagina 55: "Quando os leitores disserem que a versão da Universal da episodica e sentimental novela de Edna Ferber é uma traducção rica terão dito tudo o que é possivel dizer sobre "Bohemios". A fraqueza do film reside na vulgarissima direcção de Harry Pollard.

Miss Ferber escreveu uma novela cheia de colorido que ia de um theatro fluctuante do rio Mississippi á Chicago dos dias da Feira Mundial e a New York. Tinha verve, espirito da época e finos detalhes de ambiencia e atmosphera. Alguns destes ultimos apenas vieram para a téla.

Laura La Plante é a melhor figura do elenco no papel de "Magnolia" e Joseph Schildkraut exagera a representação do papel de "Gaylord Ravenal". Outro tanto faz Emily Fitzroy no papel de "Darthenia Ann Hawks", que governa o seu theatro fluctuante com mão de ferro.

(De OCTAVIO MENDES, *correspondente de CINEARTE*)

Quadros Junior, figura tão conhecida nos nossos meios de Cinema, acaba de deixar a direcção do Cinema Paramount. Na entrevista que concedeu, e, ha dias, foi publicada pelo "Diario da Noite", não commentou este facto.

E diz que agora é pelo Cinema Brasileiro... Ficam para mais tarde, alguns commentarios a este respeito.

Mas o facto é, diga-se, que Quadros Junior, em São Paulo, pelo avanço do Cinema fez muita cousa. A começar pelo Republica. Que todos, quando o referido se inaugurou, diziam que era obra temeraria inaugurar porque não haveria publico para um Cinema tão grande. E as apresentações majestosas dos films. As grandes orchestras que elle criou. Tudo, em summa, deram um aspecto differente aos Cinemas de São Paulo.

Ultimamente estava com a Paramount. E elle, tem uma cousa interessante nessa sua curta carreira na Paramount. Começou-a com "Alta Traição" e sáe com "Perfidia"... Ambos films de Emil Jannings.

* * *

Esta semana, no Odeon, sala Vermelha, assisti ao film "O Cavalleiro". Trata-se, sem duvida, daquelle film encrencado do Richard Talmadge, que elle fez para a Universal, mas que, afinal, está sendo distribuido pela Tiffany-Stahl.

Isto não vem ao caso. Das drogas e das super-producções, trata-se mais adiante. Aqui, parte que se refere a commentarios sobre cousas do nosso meio Cinematographico, vae uma reclamação contra as synchronizações por meio de discos que é feita pelo Vitaphone daquella sala do Odeon.

O popular segundo violino da ex-orchestra de Giammarusti (que, coitado, acha-se no Royal com mais meia duzia de sobreviventes...) Sivan, já annunciou que é elle que compila e organiza as referidas synchronizações. Nas quaes, invariavelmente, figuram as composições "1812" de Tachaikowsky; "Preludio" de Rachmaninoff; "Dansa Macabra", de Saint-Saens.

Mas, desta feita, ultrapassa os limites. Porque, quando vem uma scena de pancadaria, com aquelle bando de soldados a correr atraz de Richard, o tal de seu Sivan me arranjou um disco de "barulho", simplesmente terrivel! Peor do que o remorso a atormentar a consciencia de um bandido feroz! E eu creio que além de se exhibir um film mediocre ainda se arrumar discos taes, no publico incauto, é grande mal.

* * *

O Alhambra e o Capitolio, este mez, inauguram os seus apparelhos para films falados e synchronizados. O primeiro será da R. K. O. e o segundo da Western. O Colyseu, tambem, já está annunciando o seu. E, assim, gradativamente, todos se estão munindo de vitaphones movietone.

* * *

O Triangulo está de férias. Isto é, está exhibindo producções normaes. E como eu soube, ha dias, que os taes films provêm de um senhor que se conhece pelo nome de maestro Rada, é de se crer que o referido maestro ande com o stock sensivelmente diminuido.

* * *

Está-se construindo, á esquina da rua Conselheiro Brotéro com Palmeiras, um grande Cinema. Já ouvi dizer que se trata do Royal, que se vae mudar da rua Sebastião Pereira para lá. Porque o prazo termina e a Empresa Staffa não quer proseguir arrendando-o.

* * *

O film brasileiro, "A Escrava Isausa" apresentar-se-á ao nosso publico dia 21, segunda-feira, na sala Vermelha do Odeon. Sem duvida isto representa mais um adiantado passo na nossa industria cada vez crescente. E anima-nos, bastante, ver como é intenso o interesse do publico pela nossa Cinematographia.

Pelos amplos corredores do Cinema, e luxuosas vitrines, acham-se expostas lindissimas photographias coloridas dos principaes artistas do film. E a propaganda se está fazendo intensa e caprichada. O esforço honesto e decente de Saidenberg sem duvida terá a sua agradavel compensação.

* * *

Assisti, domingo passado, á um espectaculo no Royal. Completo. Com 3 films de grande metragem. Uma comedia e um film natural.

O Royal é um Cinemazinho sympathico e tão cheio de recordações gostosas para mim. E, cousa interessante, os seus espectaculos de domingo são frequentados por um publico todo especial. Todos do bairro. Assim, mais parece que é uma reunião de familias conhecidas que, ali, reunem-se e assistem, juntas, a films bonitos. Namorados em penca... Flirts em todos os olhos... E, além disso, respeitaveis paes de familia, com as suas proles completas, espalhadas pelas poltronas todas da fileira... A gente que se acostuma a ir aos grandes Cinemas. Que se acostuma a assistir a super-producções com ambientes os mais finos e distinctos. Nos quaes impera o mais requintado luxo e o mais apurado bom gosto. Quando vae para a sala de projecção de um Cinemazinho sympathico, de bairro, sente o allivio que se sente quando se usa um miseravel sapato de verniz, apertado, e, chegando em casa, tira-se-o e calça-se um immenso e confortavel chinelo...

Royal... Chinelinho dilecto do bairro de Santa Cecilia. Gaiola de corações cheios de esperanças ternas e romanticas. Como eu gosto de calçar você...

* * *

DE SÃO

GRETA GARBO... Vestido collado ao corpo. Alma collada ao sensualismo dos olhos... Andar lento e sensual. Deslumbramento que fulmina... E os films de Greta Garbo continuando falando, sendo silenciosos...

ORCHIDEAS SYLVESTRES (Wild Orchids) — M. G. M.

Greta Garbo... Vestido collado ao corpo. Alma collada ao sensualismo dos olhos... Andar lento e sensual... Deslumbramento hypnotico que fulmina os olhos dos homens...

Greta Garbo... Figura viva da mulher que teve uma infelicidade estampada no mais alegre dos sorrisos... Causadora do matrimonio de John Gilbert com Ina Claire...

Greta Garbo... A onda possante destruidora dos "talkies". Arremessada contra toda a tua pessima pronuncia de scandinava que não sabe falar correctamente inglez, nada conseguirá! Nada! Você é impressionante e majestosa como um rochedo fantastico que faz sombra e faz mêdo aos navios incautos e perdidos na tempestade!

E, é interessante, a especie de collegas com os quaes você trabalha... Ha a fileira de camarins. William Haines. John Gilbert. Ramon Novarro. Buster Keaton.

Você aponta ao fundo do corredor. O primeiro dir-te-ia a piada atrevida e sensual dos moços ousados. O segundo, atirar-te-ia a porta ao rosto; triste vingande um ente que cada vez te adora mais... O terceiro tecer-te-ia um madrigal de sentimentalismo ingenuo e o ultimo olhar-te-ia como um meninote vendedor de jornal olha uma magnifica vitrine de vespera de natal...

Mulher fatal... Dessas que chamamos de vampiros e que, ás vezes, desconhecem algumas verdades que sobram aos apontamentos de uma Clara Bow...

Exotica... Só porque não andas como as outras andam. E só porque não sentes da maneira que as outras sentem.

Feia... Realmente, quem te acha assim não poderá jamais sentir o bello!

Impropria para menores... Quando, melhor do que você, ninguem abraçou Philippe de Lacy chamando-o filhinho...

E, neste film, Greta Garbo, Sidney Franklin soube apresentar uma nova phase da tua prodigiosa fecundidade artistica.

Você não é uma nymphamana. E nem uma degenerada de sentimentos.

Você é uma mulher casada. Com um homem incapaz de te sentir.

Soffres uma ansia louca de carinhos. A frescura da tua pelle. O calôr dos teus labios. A luz refulgente dos teus olhos. As tuas mãos nervosas e ageis, tão vasias... E o teu corpo, que sempre enlaçado deveria estar pelo deus dos teus carinhos, sempre esquecido... Sempre solitario...

Na tua vida, assim, subitamente arremessa-se, de chicote em punho, um homem violento e impressionante! Ardente. Impetuoso. Arrebatado e arrebatador. Na noite em que te é apresentado apanhate nos braços e atira de encontro aos teus labios um beijo vesuviano e causticante.

A tua mocidade o sente. O teu caracter o repelle. A tua alma biparte-se. O teu coração vacilla.

A' noite, atirada aos frios lençóes pelo beijo nú de teu arido e somnolento esposo, vaes confessando o receio que tens do homem que te beijou com fogo e com impeto.

Terminas a confissão. Nada mais ouves do que um pesado resomnar...

Continua teu martyrio. Ao crescente abandono de teu esposo ajusta-se a perseguição amorosa do selvagem civilizado.

Cáes nos braços delle mais uma vez. Attrahida

PAULO

Tambem tem um triangulo amoroso. O marido. A esposa. O amante.

A direcção de Lewis Miestone é bem bôa. E o argumento de Victor Schertzinger e Nicholas Soussanin, bom.

O film, apenas, é um pouco arido. Despido da attracção e belleza de "Orchideas Sylvestres".

Jannings vae bem. Esther Ralston, é que não vae assim. Gary Cooper, bem e sincero como sempre no seu trabalho.

Ha scenas de emoção intensa e outras de formidavel tensão.

A morte de Esther Ralston e Gary Cooper está admiravelmente feita. E a scena em que Jannings está velando o cadaver de sua esposa e entram os filhinhos e se arremessam sobre o cadaver e elle os afasta dizendo que "Mamãe está dormindo"... E' uma scena que arranca lagrimas ao coração, brutalmente, e sem as arremessar aos olhos, prende-as com maldade á garganta...

Um bellissimo film. Só senti vel-o um dia após "Orchideas Selvagens" que tanta impressão me causou. A synchronização é bôa. Está muito bem feita. Film silencioso como ainda não vi nenhum, falado.

O CAVALHEIRO (The Cavalier) — Tiffany-Stahl. — Programma Serrador.

Uma 3ª via mal impressa de "A Marca do Zorro" de Douglas Fairbanks. Ha o Zorro, Richard Talmadge. Ha aquelle sargento fanfarrão e cretino, Stuart Holmes. O potentado covarde e arbitrario, David Torrence. A timida donzella que é forçada a se casar com o homem que não ama. Barbara Bedford. Mas só provoca riso e nada mais. Richard faz as suas habituaes proezas. Saltos. Murros. Cavalgadas, etc. Salta precipicios. E o film tem todos os matadores.

Chega, mesmo, a provocar risos em certos trechos. Agora eu justifico Carl Laemmle não ter querido exhibir o film ter brigado com Richard. Porque não é cousa que illustre mais o nome de Iwan Willat, pela bizarria de umas vestes nativas, sentes um tormento mais intenso e sem resposta dentro da angustia febril do teu sangue de mulher moça.

E quando elle te apanha dentro dos braços...

Quando elle te torna a beijar... O esmagar dos teus labios ao encontro dos delle faz com que ainda tenhas um ultimo reunir de forças para o repellir e para fugir.

Que tormento! Ao lado de um homem que confia na tua fidelidade e que, por isso mesmo, não pensa na tua mocidade.

E, tambem, ao lado de outro que te comprehende de sobra e que sempre está de braços promptos para te enlaçar e te apertar com força ao encontro de um coração selvagem e até brutal...

Prosegue teu martyrio. Até ao fim do film. E o teu caracter, maior do que a tua mocidade e o teu sangue. Vence a luta. E voltas com teu marido, vingado intelligentemente, para longe dessa terra de calôr e tormentas em que tantas tempestades na tua alma se feriram...

Basta. O film é assim. Estás differente e cada vez mais divina. Sidney Franklin soube ser um director sublime. O scenario de Willis Goldbeck é simplesmente formidavel. Tal é o recheio magnifico de subentendimentos e detalhes admiraveis que o enfeiam. E em Lewis Stone, o marido sem alma. E Nils Asther, o amante de fogo. Tiveste dois admiraveis collegas para este teu lindissimo film.

E's absolutamente diversa das outras que foste em outros films. E, por isto mesmo, mais te admiramos, mais te queremos bem.

A synchronização é admiravel e a sua musica sublime. As dansas typicas e as canções nativas dos Philippinos dão um cunho e um sabôr accentuadamente selvagens ao film.

Um espectaculo soberbo.

PERFIDIA (Betrayal) — Paramount.

O ultimo film de Emil Jannings para a Paramount. Não é o melhor. Mas é bom, tambem.

"Perfidia", é um film de JANNINGS, mas GARY COOPER vae bem como sempre.

o director e nem recommende a fabrica productora.

Droguinha da refinada! Successo garantido em Cinemas de Pindurasaia ou Mandarutiba!

O CANTOR DO JAZZ (The Jazz Singer) — Warner Bros. — Matarazzo.

Film velho. Foi um dos primeiros que poz fogo no rastilho que ia causar a explosão de films falados nos Estados Unidos.

Não é máo film. Interessa. Mas é vulgar e explora o eterno thema do rapaz que vae tentar a vida do palco e que é expulso de casa dos seus paes, judeus, porque não quer cantar os cantos sacros da sua gente e sim os "blues" e os "foxs" mais modernos...

Al Jolson enche o film com as suas canções. A sua voz é maravilhosa. Nada de brutaes agudos! Canta suavemente. Parece que tem velludo na garganta. Tanto nos saltitantes foxs como no "kol nidre". Mas, a não ser Al Jolson, o film não vale nada. Elle mesmo, só vale pela sua voz. Porque, como artista, é apenas soffrivel.

May Mac Avoy não faz nada. Eugenie Besserer é que é a heroina...

Warner Oland, coitado, de villão de fita em série foi promovido a pae judeo, martyr e santo...

Al Jolson não dá um beijo. Será que beijo estraga a voz?

Allan Crossland é um director commum.

O NOVO CAMPEÃO (The Duke Steps Out) — M. G. M.

A deliciosa Joan Crawford, mais uma vez, como heroina do formidavel William Haines.

James Cruze dirigiu.

E' um film delicioso. Não é tão bom quanto "Academia de Cadetes", por exemplo. Nem se iguala á "Garotas Modernas". Mas é um film cheio de mocidade, de vida, de alegria e de "it".

O assumpto é um tanto inverosimil. Mas tem um bom tratamento e tem uma direcção esplendida.

William Haines, o eterno brincalhão. Mas apenas ousado e não convencido.

Joan Crawford, aquelle formidavel monumento de "it" que nós conhecemos tanto... Está ás vezes photographada com rara pericia. E, assim, estupendamente linda!

Ha mais uma luta de box. Mas é um film que interessa da primeira a ultima scena. E não aborrece em nada.

Karl Dane e Tenen Holtz encarregam-se da comedia. Auxiliados, sem duvida, pela graça espontanea de William Haines.

SO' POR AMOR (Prisioners) — First National.

Ha artistas que mais formosas e seductoras se tornam quanto mais os annos caminham.

Corinne Griftfih é uma dellas. A sua formosura. O seu encanto. A maravilha dos seus labios humidos e tentadores. O seu olhar triste e inebriante. Tudo isto forma um conjuncto que enche os olhos.

E em "Só por Amor", sob a direcção de William A. Seiter, ella se apresenta adoravelmente linda. Formidavelmente seductora.

Se não fosse um Ian Keith o galã. Aquella scena em que ella, com o vestido novo e roubado se deita na relva a espera da declaração de amor ambicionada. Ninguem jamais se poderia esquecer! Porque é uma scena linda. Photographicamente maravilhosa e nos mostrando Corinne mais bonita e mais attrahente do que nunca.

O film, deuma peça de Ferenco Molnar, é bom no principio. Tem, mesmo, em differentes passagens, aspectos caracteristicos da direcção suave e macia de William A. Seiter. Mas a sua parte dialogada, infelizmente, estraga-o todo. Porque não é aquillo que poderia ser. Tem alguns letreiros superpostos que só servem para deteriorar o positivo e, assim, dar a impressão de que o film é velho e estragado... E, ainda, tem uma scena de tribunal desinteressante e absurda.

E, o que é peor, tem dois artistas dos portes de Ian Keith e Bella Logosi e interpretarem salientes personagens...

A voz de Ian Keith registra muito bem. A de Corinne, soffrivelmente.

Acho que devem assistir o film até ao momento em que ella se recolhe ao seu quarto e rasga o vestido que roubára. Porque, dahi para diante, começa a caceteação.

NEGOCIOS A' MODERNA (Cohens and Kellys in Atlantic City) — Universal.

Embora os Kellys mudem, George Sidney continúa sendo o Cohen e Vera Gordon a Cohen e Kate Price a Kelly.

São outros os filhos. Charles Murray já, foi o Kelly. Depois J. Farrell Mac Donald. E, desta vez, então, puzeram o pavoroso e horripilante Mack Swain.

Se não fossem algumas scenas engraçadas, com George Sidney e Tom Kennedy. A belleza estonteante de Nora Lane. Particularmente naquelle desfile em Atlantic City... Nada havia que se salvasse. Incluindo-se, ainda, á lista das cousas bôas, a Colette Merton e os outros modelos naquella exposição de "maillots" na casa Cohen & Kelly...

Eu acho que Carl Laemmle deve dar uma folgazinha nesse negocio de judeus e irlandezes.

Pegue a Nora Lane e faça mais 10 films com ella! Mas pelo amor á Deus deixe o George Sidney e o Marck Swain em paz...

William J. Craft só tem prestado quando dirige Glenn Tryon.

PELLE VERMELHA, ALMA DE NEVE — (Redskin) — Paramount.

Vocês ainda se lembram de "Alma Cabocla", o film "super" que George B. Seitz dirigiu com Richard Dix, para a Paramount, fazendo o galã, actualmente na R K O, o papel de indio, tambem?

Pois este tambem trata deste assumpto da humilhação dos pelles vermelhas, etc.

Mas é um esplendido film. Não fosse elle dirigido por Victor L. Schertzinger. Que, muito embora não apresente um trabalho identico a "Armadilha Perfumada" ou "Cartas na Mesa", assim mesmo agrada e satisfaz, plenamente.

A melodia toda que acompanha o film, composta por Zamenic, é primorosa. E as scenas coloridas pelo systema technicolor, são admiraveis e enfeitam extraordinariamente o film.

Richard, no papel principal, sáe-se ás mil maravilhas. E tambem agrada, muitissimo, Gladys Belmont, que faz uma indiazinha suave e meiga. A "Flor de Trigo"...

Jane Novak, que ha tempos não via, reapparece.

DUAS GERAÇÕES (The Younger Generation) — Columbia. — Programma Matarazzo.

Um bom film. Explorando Jean Hersholt na sua caracterização de "Rosa de Irlanda". Mas, com franqueza, gostei mais deste film do que daquelle. Porque a sua historia é melhor. Porque a direcção é melhor. E porque o desempenho é admiravel.

(*Termina no fim do numero*)

Ritzie, uma gentil costureira com uma soberba graça de mulher em toda a pujança de sua formosura, estava conversando com o elegante Robert Moran, num dos parques de uma grande cidade. Ambos estavam apaixonados um pelo outro e tencionavam casar-se o mais depressa possivel. Já era tarde, e Ritzie despediu-se de Robert, por ter de ir para casa. O rapaz disse-lhe adeus e sentou-se num banco do parque para fumar lentamente um cigarro.

Fóra do parque, um policia prendeu Ritzie, e conduziu-a á Chefatura.

— Ritzie, disse-lhe o delegado, se te mandei prender, foi sómente para te perguntar onde poderei encontrar "O Homem de Marmore"?

— Não sei o que você quer dizer com isso.

— Mas sabes que elle enriqueceu praticando roubos, e que foi accusado de um crime de homicidio! Você estava no parque conversando com um moço! Como se chama elle?

("THUNDERBORLI")

— Estive no parque, é verdade, mas não conversei com ninguem! O senhor está enganado.

Ao dizer estas palavras, Ritzie ficou pasma! Um policia conduzindo Robert, acabava de entrar na sala.

— Que fazem vocês dois no parque todas as noites, perguntou o Delegado a Robert?

— Nada de mal! Namorar no parque, não é um crime!

— Você não sabe, proseguiu o Delegado, que ella está sendo cortejada pelo "Homem de Marmore", o criminoso mais audaz desta cidade?

— Sei, mas ella já cortou relações com elle!

— Se o director do Banco onde você está empregado souber disto, que lhe dirá elle?

"O Homem de Marmore" .. George Bancroft
Ritzie .... Fay Wray
Robert Moran .... Richard Arlen
Anne Moran .... Eugenie Besserer
O Inspector da Prisão ...... Tully Marshall
Jack, "O Importuno" ...... James Spotiswood
O Capellão .... Robert Elliott
Dick, "O Indomavel" .... Fred Kohler

— Mas, Ritzie, até agora tu nunca fizeste nada de mal!

— Jim, eu conheço-te bem, e sei que basta que eu diga que não gosto mais de ti, para não haver mais nada entre nós.

— Enganas-te, Ritzie! Nem que o mundo inteiro se ponha entre nós, tu hás-de ser minha! Terei eu, por acaso, um rival?

— Não! Eu só quero evitar situações equivocas com a policia!

Ritzie, se algum homem tiver a coragem de querer separar-nos, pode dizer adeus á propria vida! Darei cabo delle com as minhas proprias mãos! Adeus!

Passaram-se dois mezes, durante os quaes a policia não conseguiu prender "O Homem de Marmore". O Delegado só descobrira que Ritzie estava morando com a mãe de Robert Moran.

(Termina no fim do numero).

de Marmore

Direcção de JOSEF VON STERNBERG

— Não se metta com a nossa vida, interrompeu Ritzie. Este rapaz vive do seu trabalho.

— Ritzie, redarguiu o Delegado, você poderá evitar muitos contratempos, se me disser para onde foi "O Homem de Marmore"!

— Ha muito tempo que não o vejo, e você sabe disso!

— Bem, podem ambos ir embora!

— Senhor Delegado, boa noite e... obrigada!

Ritzie e Robert sahiram, e o Delegado disse aos policias para não os perderem de vista. Talvez assim, pudessem, mais cedo ou mais tarde, descobrir o esconderijo do "Homem de Marmore"!

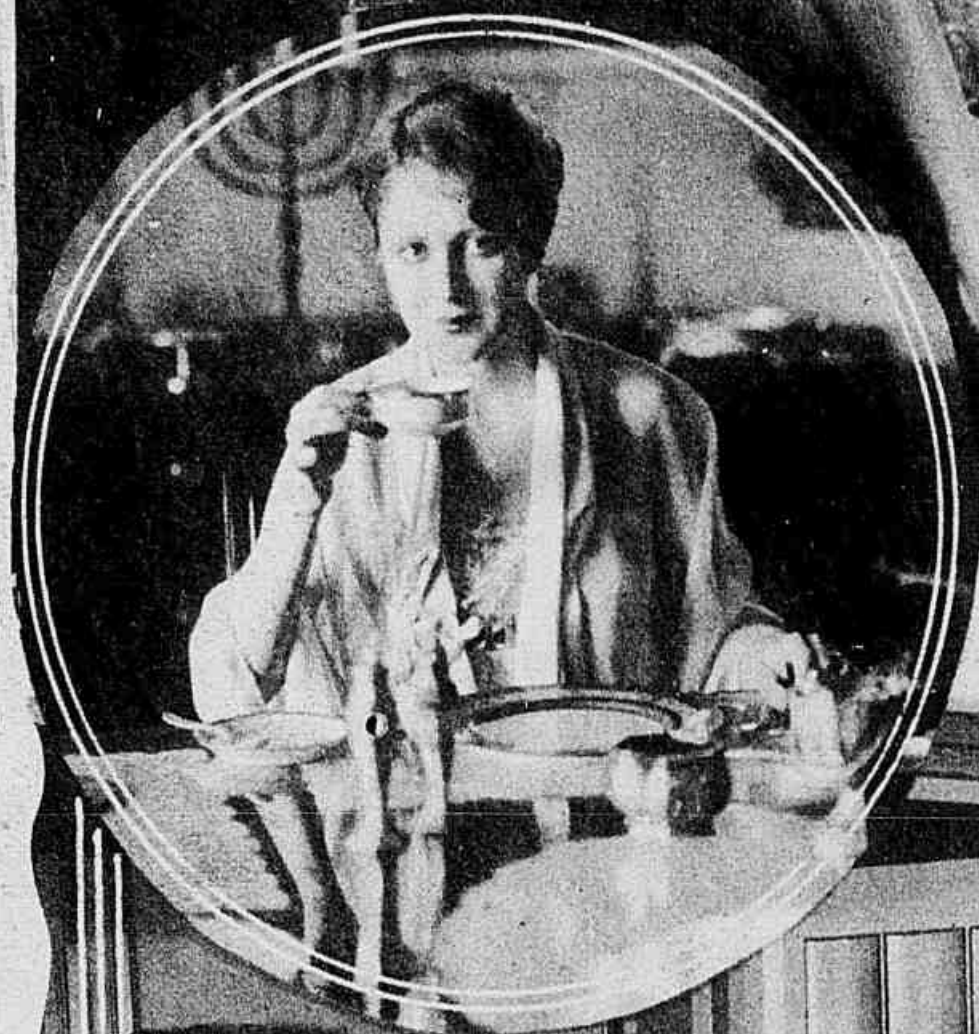
Longe da chefatura, num cabaret luxuosamente illuminado, muita gente dansava ao som de um alegre jazz-band. Era ali que Ritzie ia encontrar-se com Jim, "O Homem de Marmore" pela ultima vez.

— Ritzie, dize-me em que estás pensando, disse-lhe "O Homem de Marmore", depois de cumprimental-a.

— Jim, eu não quero continuar a ser perseguida pela policia! Minha resolução é irrevogavel! Entre nós está tudo terminado!

— Ritzie, isto tudo é incomprehensivel! Vamos tirar isto a limpo! Arrisquei a minha liberdade para vir falar comtigo, e tu recebes-me desta maneira!

— Jim, eu não quero continuar a viver assim! Tudo tem um certo limite!

E'
POR
ISSO
QUE
OS
HOMENS
TÊM
OS
SEUS
MOMEN-
TOS...
BILLIE
DOVE...

Pergunte-me Outra

A. (Ponta Grossa) — Obrigado pelos recortes, continue. Sim, mas "Cinearte" ainda melhorará bastante. Posso garantir que a melhora vae ser tão grande que daqui ha uns 10 mezes será completamente differente de hoje. Rogge, por emquanto, só tem usado as suas machinas nas "vitrines". Não adianta. Queremos gente que trabalhe. 1º Em qualquer uma. 2º Já ha uns 30 Cinemas. 3º Não se póde saber. No Districto, uns 90. 4º Não. 5º Sim.

JACQUES (Campinas) — Deve ser inglez. First National Studio, Burbank, Cal. Diga que é leitor de *Cinearte* e receberá mais depressa.

M. F. SILVA (Curvello) — 1º Sim. 2º Porque P. V. estava sem tempo. Estava preparando o seu casamento. 3º Sim. E em "Arca de Noé", Paulo Portanova faz uma pontinha com dois "primeiros planos" e um letreiro. Na scena, elle fica com medo de George O'Brien 4º Não se sabe. Lia está parada, por emquanto. 5º Não.

CELIA (Ribeirão Bonito) — 1º Carmen Santos, aos cuidados de "Cinearte". 2º O mesmo. 3º Rio. 4º Bello Horizonte.

M. C. de AZEVEDO (Curityba) — Interessante a sua carta. Continue.

TOM BOSS (Recife) — O mesmo gostaria de saber, tambem! Violeta, não conheço.

B. SITCHOR (Pelotas) — Já mostramos a todos os interessados. E ficou no nosso archivo.

RONALDO ROGGERIO (Itú) — Nada foi recebido pela Benedetti-Film.

L. RUY de SABOYA (Santa Catharina) — E' enviar photographias para Benedetti-Film, R. Tavares Bastos, 153, Rio.

S. UCHÔA (Alagôa Grande) — 1º Sim. 2º Não tem lido suas chronicas, em todos os numeros? 3º Sim e não. 4º Aos cuidados desta redacção. 5º Veremos.

JEAN DOUGLAS, DOROTHY DAVIS, RAE MURRAY E THORA WAVERLY, EM "THE VAGABOND KING".

FREDRIC MARCH E MARY BRIAN EM "THE CHILDREN".

"Bohemios" e a Critica Norte Americana.

Com vistas a Edgar Truco, gerente da Universal no Rio e o seu gerente de publicidade que não entendem cousa alguma sobre valor de films e entenderam de fazer reclamações de uma forma nunca usada durante todo o tempo em que era gerente geral no Brasil, Al Szekler.

E aqui estão apenas as criticas que julgamos criteriosas. Não transcrevemos aquellas que dizem apenas: "Show Boat?" Passem ao largo!

O mesmo iremos fazer com outra celebre superproducção da mesma companhia, "Broadway" para que depois os dois cinematographistas citados possam verificar o quanto é benevola a nossa opinião sobre o film.

Quando se filma uma historia tão vasta como a de "Bohemios" é natural que se espere ver omittida muita acção e esquecidos muitos detalhes psychologicos. De qualquer forma porém, a vida a bordo do theatro fluctuante é mostrada pittorescamente. Laura La Plante como "Magnolia" é sincera. Joseph Schildkraut interpreta o seu mais importante papel.

(*Termina no fim do numero*)

O que se exhibe no Rio

PALACIO- THEATRO

MASCARAS DA ALMA (Mask of the Devil) — M. G. M. — Producção de 1929.

Victor Seastrom, o grande director de "Vento e Arêa" desenvolveu neste film um incalculavel esforço para penetrar com successo a alma humana. Conseguiu-o em parte empregando um recurso já muito gasto, principalmente em comedias. Trata-se de em rapidas fusões mostrar o verdadeiro pensamento occulto pelo rosto do homem em face de certas circumstancias de logar e de momento. E' verdade que todos os outros films que têm empregado este recurso technico nunca o fizeram tão prodigamente. Em "Mascaras da Alma" é usado a cada passo. Mais ainda: é a justificação do thema do film.

Confesso, tambem, que jamais teve emprego tão intelligente e perfeito. Aqui a acção não é atrazada e a figura da personagem cujo pensamento é mostrado não desapparece.

O seu pensamento é sobre-impresso. Mas com todas estas qualidades não creio que seja um recurso inteiramente photogenico. Sem lançar mão delle Victor Seastrom seria capaz até de cousa muito superior. Em todo caso é uma experiencia notavel.

O thema do film é bom. Não é novo. Já tem sido explorado até em films notaveis. Mas o seu desenvolvimento e o seu final estão maravilhosamente defendidos pelo director e pelo talento do extraordinario John Gilbert. Os caracteres centraes é que differem um pouco. Raramente são vistos especimens semelhantes nos films de Hollywood. São recortes psychologicos que só se enquadram ás mil maravilhas em figuras européas. Dentro do enchimento do thema existem muitos elementos antiphotogenicos que não puderam ser eliminados por Frances Marion, a autora do scenario. Frances, antes, procurou melhoral-os. Victor Seastrom deu-lhes o ultimo empurrão para a photogenia. Assim mesmo, porém, arranham o film. Refiro-me ás composições do quadro, o symbolismo do mesmo e o que quer que seja de Dorian Grey, um pouco de influencia da obra de Oscar Wilde naquella imagem horrenda, que se reflecte no espelho todas as vezes que John nelle se olha.

Mas o film é bom. E' uma producção de confecção magnifica. Apresenta quatro caracteres em todas as suas facetas possiveis e imaginaveis. A interpretação do elenco é estupenda. A's montagens são photogenicas e perfeitamente de accordo com o espirito da sequencia que emmolduram. A photographia é simplesmente maravilhosa. Os claros-escuros emocionam estheticamente.

Emfim, é um bello trabalho cinematico, com elementos estranhos na sua estructura e sem um allivio comico, como acontece em quasi todos os films de Victor Seastrom. Aliás, Frances Marion, cujo scenario em si não tem outros senões, tem parte da culpa.

O sub-enredo vivido quasi todo por Alma Rubens, Frank Reicher e John é bom e está contado em sequencias curtas e fortissimamente dramaticas. O romance de John e Eve Von Berne está dirigido com sentimento e imaginação. E serve de centro aos mais photogenicos "sets" destes ultimos mezes.

O final é extremamente dramatico. Empolga. Emociona profundamente.

John Gilbert tem aqui um dos maiores desempenhos de sua gloriosa carreira cinematographica. E' um trabalho extraordinario o seu. Ha occasiões, ha scenas em que é de tal brilho a sua actuação que a gente tem a impressão de que o film sem a sua figura perderia cincoenta por cento. John é um grande, um incomparavel artista cinematico. Elle é um artista que representa photogenicamente. E' um rarissimo exemplar do verdadeiro artista de Cinema. Elle só vale mais do que todos os Emil Jannings juntos. John é um artista que representa bem mesmo quando o director não é colosso. O seu desempenho neste film deixa patente tudo isto. E' formidavel. E como elle soube amoldar-se ao typo que Seastrom compoz!

E vê Von Berne, descoberta de Norma Shearer, faz a sua heroina com muita sympathia e delicado sentimentalismo. Mas é uma figura sem grandes attractivos. Ralph Forbes apparece pouco, mas bem. Theodore Roberts, com o seu inseparavel charuto, tambem vae a contento. Alma Rubens e Frank Reicher dão a nota tragica. Polly Ann Young apparece apenas. Mas os trabalhos de todos juntos não valem o de John Gilbert. Que vigor de interpretação nas scenas finaes! A gente até esquece e perdôa a alma de Dorian Grey que apparece no espelho...

Vão ver o film. Não o percam, por John Gilbert e por Victor Seastrom.

Cotação: 7 pontos. — P. V.

IMPERIO

A CANÇÃO DO LOBO (The Wolf Song) — Paramount. — Producção de 1929.

Um film com Lupe Velez e Gary Cooper. Lupe fazendo uma mulher com fogo nas veias e Gary fazendo um homem realmente homem. Um bello e forte conflicto amoroso.

Tudo isto num scenario magnifico de montanhas majestosas e arvores gigantescas.

Em meio a uma natureza feita de encantos e seducções. E ainda por cima com o heróe romanescamente embrulhado em vestes de caçador. Mas o film foi produzido para ser synchronizado. E Victor Fleming não fez questão de muita cousa mais.

E afinal o que se ouve nada vale, nem mesmo as canções de Lupe Velez... No film só se salvam mesmo os beijos de fogo que Gary dá em Lupe e a cara de Louis Wolheim.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

Foram reprisados "Paraiso Prohibido", de Pola Negri, sob a direcção de Lubitsck, e "Millionario Gaiato", de Harold Lloyd.

Este ultimo film foi exhibido com o film brasileiro "S. Paulo, a Symphonia da Metropole", de que Pedro Lima tratará na sua secção.

GLORIA

O HOMEM E O MOMENTO (The Man and the Moment) — First National. — Producção de 1929.

Uma historia da autoria de Elinor Glyn só podia ser assim mesmo. Veloz. Extravagante. Sem se deter em analyses de almas. Sem perder tempo com detalhes. Leve. Superficial. Ultra-moderna. Animada por pequenas bonitas, independentes, de predilecções exquisitas, anseios inexplicaveis, inclinações puramente materiaes, ambições incomprehensiveis e gostos masculinisados. Excessivamente voluptuosas ou completamente ingenuas. E rapazes que não pensam. Gosadores. Verdadeiros satiros. E completos "sportmen".

E' assim a historia deste film. E são assim as personagens que lhe dão vida.

Parece ter sido feito por especial encommenda da Deusa Bilheteria. Tem de tudo. E para todos os palladares.

Comedia. Drama. Melodrama. Romance. Voz! Partitura propria synchronisada!

Sensação! Idyllios! Beijos! Raptos!

Um jogo de "polo" em pleno mar. Um casamento original. Billie Dove em combinação transparente atira-se ao mar. E depois surge na praia com a sêda collada ao corpo. Um desastre de aviação. Um baile num aquario. Uma fuga em avião.

E muitas outras cousas bôas...

Agora sommem a todas estas qualidades mais uma bôa continuidade de Agnes Christine Johnson e uma direcção levissima de George Fitzmaurice. E vocês terão o que é este film. Nada mais nada menos...

Os idyllios são bonitos. Só não o são mais porque são dialogados. E a voz, positivamente, estraga toda a poesia das scenas amorosas! Eu, aliás, entendo que a voz no Cinema põe tudo a perder... Perdoem-me os interessados.

Rod La Rocque e Billie Dove são os principaes interpretes. Ambos têem bons desempenhos. Elle torce muito a bocca quando fala, mas a sua voz é bôa e natural. Billie está linda como nunca. E tambem nunca usou tão pouca roupa. A sua vozinha é daqui... Gwen Lee faz uma mulher de Elinor Glyn. E está um colosso! Robert Schable é a nota comica.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

MAL DE MUITOS (The Man in Hobbles) — Tiffany-Stahl. — Producção de 1929. — (Prog. Serrador).

Uma bôa e despretenciosa comedia construida em torno da triste situação de um joven esposo, que se vê suppliciado no meio de toda a vasta, turbulenta e intrometida familia da esposa. John Harron e Lila Lee teem dois sympathicos desempenhos. Lucien Littlefield e Eddie Nugent fazem a gente dar umas bôas gargalhadas. Viviam Oahland é uma bonita nuvem que por momentos surge na vida do casal John-Lila.

Póde ser visto.

Cotação: 5 pontos. — P. V

LEGIÃO SUSPEITA (Lawless Legion)—First National. — Producção de 1929.

Ken Maynard consegue interessar nestas suas novas aventuras. Nora Lane, a linda Nora. Só ella vale o film. E como o cavallo de Ken é muito intelligente, vocês podem vel-o.

Cotação: 4 pontos. P. V.

PATHÉ-PALACIO

OS QUATRO DIABOS (Four Devils) — Fox. — Producção de 1929.

O segundo trabalho de Murnau para a Fox causou tremenda decepção a todos os seus admiradores. Não por ser o film uma obra inferior, indigna do seu autor. Antes, pelo contrario, é preferivel á "Aurora" sob muitos aspectos. Pelo menos é uma obra mais homogenea. Todos os seus elementos constitutivos estão muito mais bem jogados. Os caracteres não estão aprofundados, mas despertam sympathia, têem qualidades humanas. O seu thema é velho, muito conhecido, exploradissimo, mas está bem tratado. E' um thema de horizonte pequenino. Não tem a grandeza do de "Aurora", que o proprio Murnau não comprehendeu.

Finalmente é um film que visa o objectivo não attingido de "Aurora". E' um trabalho despretencioso. E por isso muito mais bem realizado por Murnau. "Aurora" seria um grande passo... Mas não foi não. Foi um passo dado para a frente, é verdade, mas que comprometteu seriamente o terreno já conquistado pelo Cinema. "Quatro Diabos" não adianta nenhum passo. Mas firma mais ainda as conquistas do Cinema. Uma batalha ganha com grandes sacrificios é na mais das vezes uma derrota...

Pois, como ia dizendo, logo no principio os admiradores de Murnau soffreram um duro golpe com este film justamente porque é um trabalho despretencioso, sincero e bem realizado. Tem as suas lacunas. Mas qual o film que as não tem? O aspecto que mais contribuiu para essa desillusão é justamente o do scenario. São seus autores Carl Mayer, Berthold Viertel e ainda aquella pequena, a Gertrude de Orth. Não é de crer, portanto, que o director germanico tivesse deixado de aproveitar pelo menos tres quartas partes do scenario impresso que lhe foi entregue. Tanto mais quanto foi elle quem mais questão fez de ouvir a opinião escripta de Gertrude Orth. Opinião emittida em scenas escriptas.

Além disso, o scenario por elle filmado contraria todas as suas theorias cinematicas. Tem abundancia de titulos falados e uma bôa duzia de longos sub-titulos...

Entretanto, atrevo-me a pensar que isto não

quer dizer muita cousa. Antes realizar este film do que tentar realizar o que "Aurora" não conseguiu... O film é bom. Está bem contado. E mais bem dirigido. As caracterizações são perfeitas A sequencia culminante desenrolada em pleno circo é sensacional. Os angulos ahi são variadissimos. E os movimentos de "camera" são realmente extraordinarios.

O romance de Janet e Charles Morton está traçado com pericia até á entrada de ambos. Ahi, pela falsidade da interpretação desta ultima, soffre uma série de perturbações que quasi o arruinam. Muito mais bem traçado é o de Barry Norton e Nancy Drexel. Mais simples, mais verdadeiro, mais harmonioso. Ambos, entretanto, têm a sua belleza. E não são destituidos de poesia.

O conflicto amoroso é bem sustentado. E' pena Mary Duncan ser, então, na época da filmagem, pouco mais que uma principiante em materia de Cinema. Ella representa como no theatro. Entretanto, não chega a fazer a gente esquecer os detalhes extraordinarios que pontilham as sequencias em que entra.

O final, um tanto convencional, satisfaz, em parte. Mas onde o film attinge grandes alturas, tem os seus maiores momentos e é verdadeiramente digno de um cineasta é no principio. Nas sequencias que mostram os quatro heróes ainda crianças.

Ahi, sim! Murnau merece parabens. São varias sequencias de grande valor dramatico e descriptivo. E nunca os angulos do director allemão foram mais bem escolhidos do que ahi. O principio vale o film. E' realmente um colosso. Tem incalculavel valor cinematico. Está feito com sentimento e com grande delicadeza.

Da interpretação é de justiça destacar-se o trabalho de Janet Gaynor. Janet é sempre a mesma delicada heroina. O seu rosto parece ter sido feito para registrar o soffrimento. Charles Morton, Barry Norton e Nancy Drexel teem os outros principaes papeis.

Todos vão admiravelmente bem. Charles é que podia ser um pouco mais homem. Mas grande parte da culpa cabe ao director, que, aliás, é, tambem, o culpado pelo máo trabalho de Mary Duncan. Esta é tão bonita e "bôa" que a gente não tem coragem de dizer mal della...

Francis McDonald, Claire Mac Dowell e Michael Visaroff teem papeis menores. O primeiro, ou por outra, o caracter que elle vive prolonga-se injustificadamente até o final.

O film está cheio de pequeninas lacunas que desapparecem diante das suas poucas grandes qualidades.

E' um film que tem marcada aqui e ali a individualidade de T. W. Murnau.

Cotação: 7 pontos. — P. V.

SUBMARINO (Submarine) — Columbia. — Producção de 1929. — (Prog. Matarazzo).

Um film que tem feito um successo louco, mas que só apresenta uma direcção bem cuidada e intelligente.

Quanto ao resto, tirante as sequencias do interior do submarino naufragado, é o que de mais convencional que em materia de Cinema existe.

A sua historia está mal construida. Ou por outra, está bem construida, mas com elementos de má qualidade. Começa por ser uma imitação do conflicto que armou todo o esqueleto de "Sangue por Gloria". E' a mesma rivalidade que separa dois amigos em materia de amor. Um delles toma sempre as namoradas do outro. Isto não é o conflicto eterno do *Capitão Flagg* e do *Sargento Quirt?* Existe uma unica differença: é que Ralph Graves e Jack Holt logo após cada briga fazem as pazes e vivem como dois bons amigos.

Segue-se uma situação fortissima, admiravelmente bem armada, mas cujo arremate é francamente inverosimel.

Refiro-me á sequencia em que Jack descobre a trahição de Ralph, com a sua esposa.

Tem um final que não satisfaz inteiramente. Deixa uma duvida no espirito da gente. Jack julga muito depressa e contra todas apparencias.

Vem em seguida o "climax". E' forte. E' impressionante. São magnificos momentos de suspensão maravilhosamente sustentados pela direcção habilissima de Frank Capra. Mas a gente sente que existe um vasio, qualquer cousa de falso em toda essa esplendida sequencia climatica. A gente sente que não tem razão de ser a hesitação de Jack Holt. No submarino, morrendo aos poucos, asphyxiado, não estava somente o seu supposto falso amigo, mas varias dezenas de homens, varias dezenas de servidores de sua patria. E afinal a culpa da morte dos dois mergulhadores que o antecederam é toda sua.

Emfim, para encurtar esta que já está ficando longa, "Submarino" é um film que tem uma construcção demasiadamente forçada. Winifred Dunn fez um scenario mechanico, calculado.

Para causar effeito exactamente nos pontos indicados pelo productor, quando lhe entregou a historia.

Salva-o a direcção de Frank Capra e a circumstancia de lhe servir de "clou" um facto que já tem impressionado todo o mundo civilisado, qual seja o naufragio de um submarino.

Ah! já ia me esquecendo: o detalhe das ligas para decidir o "climax" é muito feliz e as magias de Ralph Graves no interior do submarino acabam chateando de tão repetidas.

Jack Holt e Ralph Graves dão dois bons trabalhos. Principalmente o ultimo.

A linda Dorothy Rivier dá tonteiras. Que beijo! Aquelle no fundo do mar, em Ralph! Clarence Burton tem um formidavel trabalho.

Póde ser visto. Causou sensação, e um enorme successo.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

RIALTO

AMOR... DOCE VENENO FASCINADOR — Ufa. — Producção de 1928. — (Prog. Urania).

Mais uma luxuosa producção da Ufa. Luxuosa e moderna. Bellissima photographia. Angulos bem escolhidos. Interiores agigantados. Salões aristocraticos.

Muita gente fina e elegante em scena. Bailes. Reuniões "chics". Não fosse o film desenrolado nos circulos diplomaticos de Budapest!

Mas ao lado de tudo isso existe tambem muitas situações que só os hungaros podem sentir e outras que não teem qualidade photogenicas.

Eve Gray, Warwick Ward, com a sua linha impeccavel, Paul Richter e Margit Manstadt são as figuras principaes.

A direcção de Fred Saner é muito commum.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PATHÉ

AMORES DE APACHE (The Apache) — Columbia. — Producção de 1929. — (Prog. Matarazzo).

Margaret Livingstone e Don Alvarado em pleno bairro dos apaches de Paris. Ella faz uma "apachinette" do outro mundo. Dansa com ferocidade... Mas elle, Don Alvarado, mais parece um apache de baile á fantasia. Depois ha um crime. Varios accusados. A confissão do verdadeiro criminoso é conseguida de um modo imprevisto. Mas elle é o mesmo de sempre.

O film vale pela estupenda belleza de Margaret e pelas bellas montagens dos interioses dos antros de Paris. Warner Richmond e Philo Mc Cullongh entram. Phil Rosen dirigiu.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

O COWBOY DE LUXO (The Slyin'Cowboy) — Universal. — Producção de 1929.

Hoot Gibson. Uma fazenda de luxo com uma linda piscina. Muitos "cowboys" civilisados. Um *far west* sem salteadores. Com aviões e automoveis. Uma pequena que sonha com o Oéste primitivo. Uma brincadeira para a satisfazer nos seus sonhos. E por fim um "rodeo". Um rapto fingido que se torna sério. Correrias. Tiros. Murros. Um roubo. Novas correrias. Novos murros. E tudo acaba bem.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

A ATTRACÇÃO DO ALHEIO (The Lone Wolf's Daughter) — Columbia. — Producção de 1929. — (Prog. Matarazzo).

Está de volta mais uma vez o famoso "Lobo Solitario". Palavra que já está, ficando chato. Mas o peor é que são sempre uns filmzinhos bem tratadinhos e a gente quasi não tem que se aborrecer... Bert Lytell, já se sabe, é o "Lobo". Desta vez elle se regenera só para não estragar o casamento da filha.

A acção do film tem logar parte em Londres, na vizinhança mesmo da famosa Scotland Yard, e parte em New York, onde o heróe famoso desmascara larapidos com a sua pericia consumada, e onde, tambem, se torna até antipathico pela campanha que move aos collegas...

O seu romance com Gertrude Olmstead é delicado. Os outros do elenco são Charles Gerrard, Donald Keith, Lilyan Tashman e Florence Allen.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

A DESFORRA (The Tip-Off) — Universal.— Producção de 1929.

Dois larapios amam a mesma pequena. Regeneração. O despresado tira a sua desforra. E no final arrepende-se. Tiroteios com a policia. Magnificos beijos de Bill Cody em Duane Thompson. Bill sempre esbaforido e a correr. George Hackathorne continúa a fazer sacrificios.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

IRIS

TERRA NATAL (My Home Town) — Rayart. — Producção de 1929. — (Prog. Matarazzo).

Uma sublimidade de convencionalismo. De typos, de caracteres, de scenas e de sequencias. Até na construcção do scenario ha convencionalismo. E em meio a tudo isto o desinteressante Gaston Glass e a infortunada Gladys Brockwell. Violet La Plante tambem toma parte.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

O HOMEM E A LEI (The Man and the Law) — Rayart. — Producção de 1929. (Prog. Matarazzo).

Mais um chefe politico que tem á sua disposição a consciencia de juizes e advogados.

No fim, entretanto, a promotora por elle nomeada revolta-se contra a sua tyrannia. Mas não acaba como vocês pensam... Tom Santschi, Gladys Brockwell e Robert Ellis são os principaes.

Agua com assucar.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

SYMPATHIA E' QUASI AMOR (Salvation Jane) — F. B. O. — Producção de 1928. — (Prog. Matarazzo).

Ha muito tempo que eu não via Viola Dana. Entretanto, confesso que não valeu a pena.

Cotação: 3 pontos. — P. V.

CINEMA FALADO NA HESPANHA

De um telegramma de Madrid, publicado em todos os jornaes do dia cinco:

Foi hontem exhibido nesta capital o primeiro film falado. A impressão da maioria dos espectadores, ao que referem os jornaes, foi antes de decepção.

*

"Manolescu" acaba de ser censurado sem nehum córte. Como já devem saber, nesta super-producção da Ufa dirigida por U. Turjansky, tomam parte: Ivan Mosjukin, Brigitte Helm, Dita Parlo e Heinrich George.

A Bahia já conhece "Barro Humano"! A nossa mais discutida producção já foi apreciada e commentada devidamente pelo nosso publico!

Noite de primeira. Tempo indeciso. Com a cara assim do Clive Brook. (Brevemente Clive Brook acabará com maior numero de caras que o Lon Chaney durante a reclame de "Fóra da Lei"). Chuvas miudas. "Barro Humano"! Lançado sem grandes reclames pelos jornaes, numa quinta-feira, quasi que abruptamente como nestes ultimos tempos vem acontecendo aqui com as "supers" da Paramount. No entretanto publico não faltou. Que o diga o Pondé... "O Rei dos Reis", debaixo de antecedentes bombasticos, não alcançou na sua "premiére" o publico que "Barro" arrastou, mesmo, infelizmente, sem a sua Gracia em "personal appearance".

O Pathé News terminou. Continuamos a aturar calados aviões com bandeiras americanas nas azas, Hoover, Casa Branca, Lindbergh, manobras da esquadra americana, rios e lagos "yankees" congelados, regatas com Yale, cortes de florestas nas fronteiras canadenses, o canal do Panamá, projectos e mais projectos de novos aviões e automoveis, grandes personalidades que não conhecemos que chegaram da Europa, animaes de jardins zoologicos hollywoodenses fazendo-se de circo e algumas scenasinhas da Asia ou Europa. Da America do Sul, do Brasil, nada. Após o providencial fim, o publico respirou e "Barro Humano" foi projectado.

"Barro Humano" sahiu-me além da espectativa. Confesso. Antes de iniciar a sessão eu ainda me encontrava no terreno da duvida. Estava certo de que iria assistir a uma nossa producção mais que bôa, comparavel mesmo a muitas "supers" norte-americanas, porém, trazendo em si graves defeitos, naturaes em se tratando de um film em que a maioria dos technicos, muito embora verdadeiros cineastas, fizeram a sua primeira experiencia pratica. Mas como disse acima, "Barro Humano deslumbrou-me! Estou certo de que assim tambem aconteceu ou acontecerá a todos que já possuiram ou possuirem a dita de o assistir. Compensa bem o preço da entrada e o tempo despendido. "Plot" simples. Uma historia singela, descrevendo dois casos, descriptos com tanta intelligencia e observação que fez o film transpor a linha das producções communs. Assim é que devemos começar. Nada de historias "salambolescas". Aliás os maiores films até hoje apresentados não precisaram d'este factor para enaltecel-os. Ahi estão "O Lyrio Partido", "David, o Caçula", "Milagre da Rosa", "Aurora", "Castello de Illusões" e ultimamente "Alta Traição". "Barro Humano" possue Cinema e do bom! Mesmo no estrangeiro, se o film até lá chegar, hão de reconhecerem isto. Nunca um film natural nosso aproveitou tão bem a nossa belleza pictorica. "Braza Dormida" marcou uma nova etapa na cinematographia brasileira. "Barro Humano" confirmou-a.

Agora permitta-me uma rapida consideração sobre algumas scenas do film e seus interpretes. D'estes ultimos todos estiveram a altura dos seus desempenhos. Todos contribuiram para valorisar a producção.

EVA NIL

Pagina dos Leitores

BARRO HUMANO

Gracia Morena (que nome sonóro!) nada ficou a dever n'este ponto, como os outros interpretes, ao seu "partenaire". Cuidado pessoal com a Gracia! Ella é das taes que perigam junto aos explosivos! Por ti, Gracia, eu não me importo, deixarei de ser cavalheiro... Desprezarei todas as Ralstons e Corbins do mundo... Renegarei a Anita Loos... Gracia! Gracia! deixe eu dormir tranquillo... Após ver-se Gracia nem um milhão de sodas allivia-nos!

Lelita Rosa! Que pequena! Que olhos! Que plastica! Mais exquisita e bella que a Myrna Loy esta nova demonstração do progresso paulista, porá agua na bocca de todos os "fans" "calçudos" do mundo. Principalmente na scena em que se despede do namorado e na sequencia do cabaret. Por Lelita, sou capaz até de fazer malabarismos em trapezio solto! Eva Nil pouco apparece e n'este pouco sempre em lindos quadros, muito bem adequados ao seu typo. Eva Nil é a suavidade de "Barro Humano"! Que bello typo para Griffith nos seus velhos e bons tempos! Eva Nil é uma figura indispensavel ao nosso Cinema... M. F. Araujo, n'um "bit" bem observado, como sempre satisfactoriamente. Martha Torá, muito natural. Luiza Del Valle, real e gosada. Que tinta! Gosado tambem é aquelle poeta do escriptorio. Os pequenos Lia Rene, a brasileirinha da fuzarca, e Oly Mar, não compromettem o elenco. Os demais apparecem apenas.

Já é velho que "Barro Humano" deve todo o seu valor aos seus technicos. E' bem verdade que o film tem tambem os seus senões. E' natural, é justo, não só pela excessiva escassez de tempo aos seus organizadores, como pelo motivo que acima já alludi.

No film existem dois detalhes que por si só bastariam para valorisar uma producção. O de Lelita assentada á escada e o do espantalho. Formidavel o detalhe do espantalho! Isto é que é Cinema! Suggestão apenas! Outra scena expressiva é a da piscina. Além de ser de lindo effeito e de agradar aos olhos, foi tratada toda com sub-entendimento e é gosadissima!E o letreiro que a precede! Aliás, todos so letreiros de "Barro são do outro mundo! Serão tambem deste aquellas criadinhas que apparecem n'este film? As scenas amorosas e os "stills" de "Barro" porão os adeptos de M. Stahl malucos! Bem estudados aquelles typos do enterro, do cabaret e do baile a fantasia. Photographia nitida. Angulos artisticos. Paulo Benedetti mais uma vez provou o seu incontestavel valor. Na sahida observaram a meu lado o convencionalismo d'aquelle encontro final de Lelita com Carlos. Tambem o observei. Não ha duvida, foi um deslise do scenario, porém passavel se revermos as convencionalidades da nossa vida. Emfim, "Barro Humano" traz em si tudo o que é nosso. O nosso progresso, a nossa belleza natural, os nossos costumes, os nossos typos, os encantos e a vivacidade dos nossos bairros, nossas alegrias, nossas lagrimas! Não existirá um só "fan" brasileiro que ao assistir "Barro Humano" não se sinta possuido de uma alegria communicativa, a mesma alegria, como nos disse o film, reinante entre os seus componentes durante a sua confecção. "Barro Humano" confirmou o nosso valor no Cinema silencioso.

"BILL" HART. — Bahia

QUATRO FILMS INESQUECIVEIS...

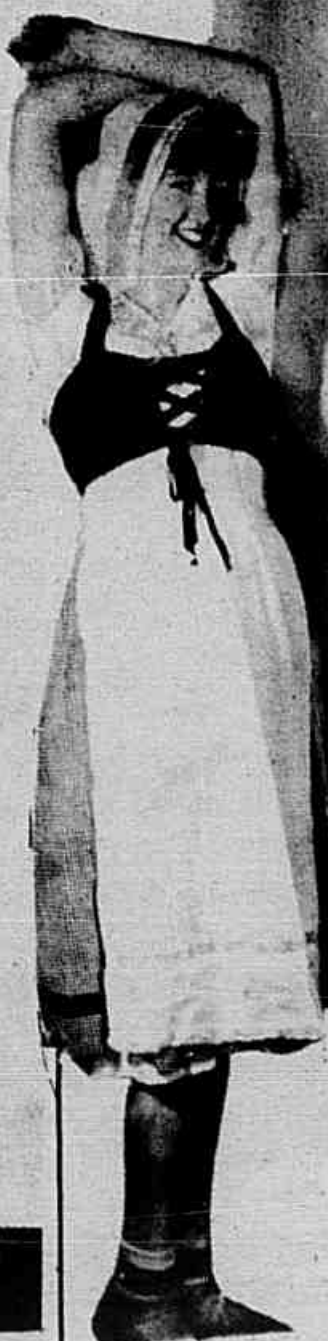
O rio da vida... Um poema selvagem... um perfume-agreste... uma fascinação quente e morbida — Mary Duncan... uma belleza ingenua e pura. Charles Farrell... um rio mysterioso, com lindas plantas aquaticas e feios animaes marinhos, e espuma branca, clama... o rio... o rio da vida...

O Danubio azul... Uma paizagem romantica com um castello ao longe rodeado de casinhas pequenininhas... uma valsa que faz sonhar... o amor de um principe encantador por uma camponezinha linda... Nils Asther e Leatrice Joy... o encanto azul do Danubio...

A canção do lobo... Uma faixa impetuosa no scenario da natureza... a belleza e alma e impressionante de Gary Cooper... a seducção cigana de Lupe Velez... uma canção simples e forte — a canção do lobo...

Os 4 diabos... um circo grande... uma historia pequena... a beldade pagã de Barry

(Termina no fim do numero).

LILY WINTZER

ESTA' NA'

Idade das Illusões...

O HOMEM DE MARMORE

(FIM)

Entretanto, a quadrilha do "Homem de Marmore", chefiada por Jack, "O Importuno", continuava a operar na cidade, praticando roubos de vulto. O Delegado, furioso por não poder prender o astuto Jack, resolveu contar ao Director do Banco onde Robert Moran estava empregado, o que sabia a repeito delle e de Ritzie, supposta amante do "Homem de Marmore".

Robert foi immediatamente despedido, e ao voltar para casa, Ritzie perguntou-lhe:

— Que demora foi essa? Que aconteceu?

— Eu não concordei com algumas imposições do director Corwin, respondeu Robert, e elle despediu-me.

— Foi por minha causa, Robert? Dize-me a verdade! Não me occultes nada!

— Elle queria obrigar-me a cortar relações comtigo, e eu recusei! Não faz mal! Esse director nunca apreciou os serviços que eu prestei ao Banco.

— Robert, a culpa foi minha! Eu nunca deveria ter vindo morar aqui!

— Ritzie, não penses mais nisso! Vamos distrahir-nos! Iremos a um Cinema!

— Mas, Robert tua mãe preparou um saboroso jantar para nós.

Neste momento, porém, alguem bateu á porta, e Ritzie, ao abril-a, deu de cara com "O Importuno"!

—Rtizie, exclamou elle, que feliz encontro! Mas eu vou aproveitar esta occasião para lhe dizer que você faz mal em enganar "O Homem de Marmore"! Nem por todo o arroz do mundo, eu me metteria na pelle do "Cravo Cheiroso" que lhe virou a cabeça!

— Guarde a devida distancia, bradou Robert ao ouvir os insultos do "Importuno"!

" O bandoleiro, porém, saltou-lhe ao pescoço, mas Robert que era mais forte, atirou-o pela escada. Para se vingar "O Importuno" telephonou immediatamente ao "Homem de Marmore" contando-lhe o que tinha acontecido, transmittindo-lhe ao mesmo tempo, o endereço de Ritzie.

Meia hora depois, Ritzie é chamada ao telephone, e reconhece, cheia de pavor, a voz do "Homem de Marmore"!

— Daqui a pouco estarei ahi, affirmou elle com sua voz possante, para dar um abraço mortal em Robert Moran!

— Não venha, exclamou Ritzie, aqui você não entra!

— Dize-lhe adeus para sempre, redarguiu "O Homem de Marmore", quem te avisa teu amigo é! Até já!

Para evitar uma luta mortal entre Robert e "O Homem de Marmore", Ritzie, depois de reflectir alguns instantes, resolveu avisar a policia, que, minutos depois, invadiu a casa, collocando seus guardas em logares onde não poderiam ser vistos!

Certo de que Ritzie nunca o denunciaria, "O Homem de Marmore" não tardou a chegar, mas, ao subir a escada, uma voz bradou-lhe:

— Renda-se! Em nome da Lei, está preso!

Cercado por vinte homens bem armados, "O Homem de Marmore" não poude resistir á prisão, e, dias depois, após o julgamento, foi sentenciado á morte!

A quadrilha do "Homem de Marmore", porém, não descança. E tanto fazem que arranjam metter o pobre Robert numa embrulhada da qual sahe preso e vae para uma cellula bem defronte a do "Homem de Marmore" que aguardava o dia da execução.

Robert, ao vel-o, quasi enlouquece por não poder arrancar as grades e avançar para aquelle homem terrivel. Este, porém, trata de fazel-o seu amigo e consegue ao declarar que nada mais tinha com a pequena e que ia morrer, deixando para Robert toda a felicidade quando sahisse da prisão.

Mas o "Homem de Marmore" tinha um plano. Fingindo-se amigo de Robert elle poderia approximar-se delle e vingar-se.

E Jack, "O Importuno" e os outros elementos da sua quadrilha já sabiam que o "Homem de Marmore" pretendia matal-o ao despedir-se delle no dia da sua execução. Este dia chegou.

O "Homem de Marmore" que já era querido na prisão, porque um dia desarmou um preso que era um terrivel bandido, teve licença de ir despedir-se de Robert.

E atravez as grades da sua cellula poz a sua mão no hombro de Robert, preparando-se para agarral-o pela garganta:

— Então, hein? Felicidades, se bem que você tivesse roubado a minha pequena...

— Não — respondeu Robert — não roubei a sua pequena. Você é que a tirou de mim. Ella já era minha pequena quando você appareceu na sua vida!

O "Homem de Marmore" era um homem, antes de tudo, e comprehendeu desde logo a sua injustiça.

Despediu-se realmente de Robert. Desejou-lhe felicidades, sinceramente e caminhou para a cadeira electrica.

Antes pediu um phosphoro a um dos carcereiros para accender um cigarro. E lhe deu o resto da carteira, perguntando o nome ao homenzinho que com elle tanto implicava durante todo o tempo em que esteve preso.

— Bestwishes! — respondeu o guarda.

O "Homem de Marmore", interrogou outravez:

— Bestwishes? E' bôa!

Deu uma daquellas gargalhadas que só Bancroft mesmo sabe dar e seguiu o seu caminho para a cadeira electrica.

O nome do guarda significava "Best Wishes" que em inglez quer dizer melhores desejos, votos de felicidade...

A Comedia do Amor

(FIM)

Noite. Ha luzes na vivenda dos esposos Blaisdell. Um automovel, occupado por um homem e uma mulher, parte da casa, resfolegando, illuminando a estrada com seus pharóes incandescentes...

Pensa o leitor que no carro fogem John e Jenny? Pois está enganado. Os dois passageiros são Carter e Jenny, os antigos amorados, que voltam ás boas, perdoam-se reciprocamente, deitam-se noite a dentro, para irem gosar de melhores dias longe dali.

De uma janella da casa, Helena e John os vêem partir e perderem-se na estrada coberta de trevas... E um beijo, que nada tem de comico, porque é de reconciliação, sella esta engraçada comedia de amor...

De São Paulo

(FIM)

Fannie Hurst escreveu o argumento. Encheu-o, em algumas sequencias, de "hokum" o mais barato. Mas, desculpando-se isto, ha scenas admiraveis. As scenas entre Ricardo Cortez e Lina Basquette. A humilhação e o constrangimento martyrisado de Jean Hersholt, são trechos inesqueciveis. E para justificar a intelligencia e a belleza da direcção, basta o final do film...

Frank Capra, de dia para dia, melhora.

Jean Hersholt, admiravel. A scena da sua morte, com aquelle plano admiravel e tornado "flou", depois...

Lina Basquette, bem. Outrosim Ricardo Cortez que vae admiravelmente bem neste papel.

"Bohemios" e a Critica Norte Americana

(FIM)

A titulo de curiosidade transcrevemos aqui algumas criticas que de "Bohemios", da Universal, fizeram as mais importantes e conceituadas revistas cinematicas "yankees".

PHOTOPLAY — Junho de 1929 — Pagina 55: Quando os leitores disserem que a versão da Universal da episodica e sentimental novela de Edna Ferber é uma producção rica terão dito tudo o que é possivel dizer sobre "Bohemios". A fraqueza do film reside na vulgarissima direcção de Harry Polland.

Miss Ferber escreveu uma novela cheia de colorido que ia de um theatro fluctuante do rio Mississippi á Chicago dos dias da Feira Mundial e a New York. Tinha verve, espirito da época e finos detalhes de ambiencia e atmosphera. Alguns destes ultimos apenas vieram para a téla.

Laura La Plante é a melhor figura do elenco no papel de "Magnolia" e Joseph Schildkraut exaggera a representação do papel de "Gaylord Ravenal". Outro tanto faz Emily Fitzroy no papel de "Parthenia Ann Hawks", que governa o seu theatro fluctuante com mão de ferro.

PICTURE PLAY — Julho de 1929 — Pagina 69: Com o enorme prestigio da novella e da versão theatral, "Bohemios" tem muito que lutar para sustentar a mesma altura no Cinema. Entretanto embora falhe completamente nesse proposito o film, offerece momentos da historia que não deixam de despertar interesse. O film tem um impressionante acompanhamento musical. A despeito de tudo isso, entretanto, o film não é absolutamente a obra importante que podia ser. Falta-lhe o esplendor romantico da historia original e muito de sua dramaticidade, de modo que não vibra. E' antes uma visualização commum despida de brilho ou inspiração.

Como quasi todos sabem o film conta a historia de "Magnolia", a filha do "Captain Andy e Parthenia Ann Hanks" proprietarios de um theatro fluctuante.

Quando se filma uma historia tão vasta como a de "Bohemios" é natural que se espere ver emittida muita acção e esquecidos muitos detalhes psychologicos. De qualquer fórma porém, a vida a bordo do theatro fluctuante é mostrada pittorescamente. Laura La Plante como "Magnolia" é sincera. Joseph Schidkraut interpreta o seu mais importante papel.

MOTION PICTURE — Julho de 1929 — Pagina 61: Apesar de lhe faltarem as qualidades epicas que deveriam distinguir um tal thema a versão cinematica da Universal da historia de Edna Ferber — ou da revista de Florenz Ziegfeld — proporciona bom divertimento ao grosso publico. E' uma mistura do antigo "hokum" com um pouco de inspiração. De "hokum" principalmente e do "hokum" que teima em que o melhor "background" de cada momento dramatico é uma chuva diluviana. Do "hokum" que entende que os corações só soffrem quando os céus se abrem... As passagens de tempo são feitas com uma rapidez espantosa que confunde. Em todo caso isto pelo menos tira um pouco do máo effeito causado pela falta de imaginação do drama. O film seria muito melhor si eliminassem essas asperezas. Mas a inspiração é despresada a todos os momentos — nada é deixado á imaginação.

Pagina dos Leitores

(FIM)

Norton... a formusura dourada de Mancy Drexel... o encanto louro de Charles Norton... a graça franzina de Janet Gaynor... a tentação irresistivel de Mary Duncan... 4 anjos e um unico diabo... Quatro films inesqueciveis...

MYSTÈRE

A
moda
em
Hollywood...
Ultimos
modelos
de
Joan
Crawford

Cinema de Amadores

O FACTOR CONTINUIDADE — UMA ANALYSE DO ALICERCE DE UM FILM MODERNO.

(F I M)

importante para dizer ao Governador, vê-se ao longe que este se levanta da mesa (acção necessaria para se poder frizar depois a fome de Tio Pio). Os dois camareiros entreolham-se mysteriosamente, falam, um ao ouvido do outro, voltando-se e olhando para a casa de jantar, por cima do hombro. Tio Pio segue a direcção do olhar, e vê os restos da rejeicção.

"*Scena* 2. *Primeiro Plano* dos seus olhos se dilatando, ao notarem os restos das viandas (Primeiro Plano si possivel desses restos). Um dos canarios é convidado para informar o Governador. Elle sáe.

"*Scena* 3. *Meio Plano* de Tio Pio que é deixado só, com o outro camareiro; sussurra a este uma piada. O camareiro ri. Tio Pio aponta com o pollegar, por cima do hombro, para os restos de comida, na casa de jantar; depois piedosamente aperta o estomago com a mão. A face toma uma expressão de soffrimento, demonstrando fome. O camareiro a principio mostra-se indignado; depois, olhando para a casa de jantar, repara em...

"*Scena* 4. *Primeiro Plano*... em um copo ainda cheio de vinho até á metade.

"*Scena* 5. *Como na Scena* 3. O camareiro acena affirmativamente para Tio Pio, e o conduz. Ambos se dirigem para a porta.

"*Scena* 6. *Ultimo Plano*. Casa de jantar. Tio Pio e o camareiro entram. O camareiro dirige-se á mesa e toma o copo de vinho. Tio Pio senta-se á mesa e começa a comer soffregamente.

"*Scena* 7 *Primeiro Plano*. Tio Pio comendo, tirando alimentos, dos pratos á direita e á esquerda. Quando se acha com a bocca cheia, elle ouve qualquer ruido á direita, e volta-se Expressão nitida de espanto.

"*Scena* 8. *Meio Plano ou Ultimo Plano* de outra porta de entrada á esquerda da casa de jantar. O Governador acaba de abril-a e se acha em pé, na soleira, olhando para os dois homens.

"*Scena* 9. *Meio Plano*. Tio Pio levanta-se, tapa a bocca e toma uma attitude humilde. O camareiro curva-se e pretende dar ordens a Tio Pio.

"*Scena* 10. *Ulimo Plano*. O Governador avança para Tio Pio, olha-o de alto a baixo, faz uma pergunta. Tio Pio acquiesce, curvando a cabeça. O Governador dispede o camareiro.

"*Scena* 11. *Meio Plano*. Tio Pio muito cerimonioso, mas olhando astutamente de travéz, para reparar no Governador, que se dirige para reparar no Governador, que se dirige para a porta afim de verificar si o camareiro cumpriu a sua ordem. O Governador rapidamente indaga o que ha. Tio Pio sussurra-lhe ao ouvido a historia que lhe quer contar.

"*Titulo* 1. E elles planejam raptar Vossa Excellencia, utilizando-se de uma carpa de ferro!

"*Scena* 12. *Como na Scena* 11. O Governador, meio alegre meio serio, faz algumas perguntas rapidas, ás quaes Tio Pio responde tambem rapidamente.

"*Scena* 13. *Primeiro Plano*. O Governador pensando na sua propria segurança. Depois, pensando em Tio Pio, e voltando-se para este.

"*Scena* 14. *Primeiro Plano*. Tio Pio esperando a decisão do Governador. Um toque de comedia, ao mostrar Tio Pio olhando para o Governador. (Note-se que dois primeiros planos separados frizam melhor os pensamentos individuaes dos dois caractéres).

"*Scena* 15. *Meio Plano* (Note-se que um ultimo Plano seria melhor, mas não é conveniente passar de um primeiro plano demorado, logo para um ultimo plano). O Governador agradece a Tio Pio, tira uma bolsa e dá-lhe algum dinheiro, que Tio Pio acceita avidamente. Depois fala.

"*Titulo* 2. Ser-te-ha dado um quarto na ala reservada aos creados; E tambem terás as tuas refeições. Desejo que venhas falar commigo duas vezes ao dia:

"*Scena* 16. *Como na Scena* 15. Tio Pio todo curvado, demonstrando gratidão.

"S*Scena* 17. *Ultimo Plano*. O Governador chama o camareiro, que entra e sáe conduzindo Tio Pio de reboque. Tio Pio sáe fazendo reverencias. O Governador parece contente comsigo mesmo. Chama um homem com aspecto de militar, e dá-lhe ordens. *Córta*.

"*Scena* 18. *Ultimo Plano*. Corredor tortuoso, conduzindo a uma escada em caracól. O camareiro escoltando Tio Pio. Conversam amigavelmente. Atravessam o corredor em diagonal, em direcção á escada e á camara.

"*Scena* 19. *Ultimo Plano*. A Porta do quarto, vista do corredor, entreaberta, mostrando uma cama. O camareiro e Tio Pio entram em scena, em direcção á camara, passam pela porta, entram no quarto. O camareiro apresenta o quarto a Tio Pio, e sáe pelo mesmo caminho por onde veio.

"*Scena* 20. *Ultimo Plano*. Interior do quarto. Tio Pio fecha a porta, e olha ao derredor, lugubremente. Senta-se na cama e conta o dinheiro. Levanta-se e olha pela janella; senta-se no peitoral da janella.

"*Scena* 21. *Primeiro Plano*. Tio Pio denotando aborrecimento. Vagarosamente, volta a cabeça para a esquerda e para a direita, examinando as paredes. Bocejos. Volta-se para a janella. Subito, desesperadamente, levanta-se.

"*Scena* 22. *Ultimo Plano*. Tio Pio levanta-se. abre a janella, olha para baixo, dirige-se. para a cama, toma o lençól, faz uma corda com elle, e saccode-a pela janella.

"*Scena* 23. *Ultimo Plano*. Exterior, perto da parede do palacio. Tio Pio toma pé, olhando para cima e para os lados.

"*Scena* 24. *Primeiro Plano*. Tio Pio suspira com expressão de desabafo, assobia, e sáe. *Escurecimento*.

"*Titulo* 3. Tendo escapado difficilmente de maiores complicações, Tio Pio resolve voltar á sua velha tóca para gastar calmamente o dinheiro do Governador.

"*Scena* 25. *Exterior*. (ou interior) Um Café. Tio Pio bebendo e jogando cartas. *Escurecimento*.

"*Scena* 26. *Meio Plano*. *Esclarecimento*. Essa de jantar do palacio. O camareiro dizendo ao Governador que Tio Pio se foi. O Governador intrigado e embaraçado. *Escurecimento*".

* * *

Como se vê, leva muito mais tempo para se escrever uma continuidade, do que o esqueleto simples da historia, porque aqui se tem que "visualizar" cada detalhe previamente, em vez de voltar atraz, quando é necessario recordar um ponto importante. Nota-se principalmente a progressão ao longo da apresentação dos caracteres. Na sequencia exposta, o caracter definido é exclusivamente o de Tio Pio. Os outros são caracteres secundarios, e entram na sequencia apenas para dar relevo á personalidade do velho Tio Pio. Podemos analysar a psychologia dessa sequencia, como segue:

1°. Tio Pio é um typo de má fama (demonstrada pelo facto do guarda conduzil-o cautelosamente). 2°. Elle tem uma certa idéa da sua importancia, e gosta de se fazer de politico (demonstrado pelo facto de falar ao ouvido do Governador). 3°. E' um typo pobre e faminto (demonstrado pelo facto de olhar para os restos do jantar.). 4° E' um typo astucioso (demonstrado pela sua força de persuação). 5° E' um typo que sabe adular os seus superiores (demonstrado pela sua conducta quando o Governador entra). 6° E' um typo ávido por dinheiro e que sabe como arranjal-o (demonstrado pelo modo como acceita a dadiva do Governador). 7° E' um typo que detesta a solidão e o isolamento (demonstrado pelo modo como olha as paredes do seu quarto). 8° E' um typo que prefere perder tudo a ser um creado ou um simples empregado (demonstrado pelo facto da sua fuga).

Note-se tambem que, em toda a sequencia, só ha o estrictamente necessario para a comprehensão da qualidade do caracter, e nada mais que entre em contacto com o fim psychologico apontado. Veja-se bem que a intenção do scenarista — analysar o caracter de Tio Pio e expol-o dentro de uma sequencia racional — foi completamente realisada. Todo amador deveria pesar bem a consequencia de uma continuidade baseada nos moldes acima, visando os fins expostos. A phrase com que fechamos esta exposição deverá constituir um dogma para o amador. Eil-a:

"A Continuidade é a base é o alicerce da construcção perfeita de um film moderno".

OBRIGADO A CASAR

(Conclusão do n° 188)

avança o vapor do seu rival. Já perto, fazendo uma manobra para atacar o "Silverado" de bombordo, descobre Fred as intenções do outro, bradando aos seus marujos:

— O cachorro! Quer metter-nos a pique! Todos a postos, rapazes, não deixemos que esse patife nos ponha a fundo!

Do lado opposto, rilhando os dentes, o "Golfinho, á frente dos seus homens, dá suas ordens:

— Abordagem, rapazes! Vamos comel-os á unha!

Fecha-se o tempo. E' homem contra homem. Fred, tão prompto o "Golfinho" mette o pé a bordo, salta-lhe em cima. Pegam-se de véras. A antiga rixa, faulhando em fogo pelos olhos, redobra-lhes o poder dos musculos. Dir-se-ia dois toros enfurecidos, num embate tremendo de chifres e de patas. Fred, apanhado em cheio por um sôcco do adversario, cáe sobre o tombadilho, impossibilitado de continuar a luta.

Sally por esse tempo, sabendo que tudo aquillo é por sua unica e exclusiva causa, vem á fala do vencedor, meio timida, como quem quer implorar perdão, como quem pende para o lado do mais forte.

— Mas que diabo quer você de mim, interroga Fred, levantando-se, sem mais forças para um contra-ataque.

— Você é capitão deste barco, e na falta de um religioso, tem de fazer o nosso casamento, do céo lhe venha o remedio! — bufa o outro, puxando Sally para perto de si.

— Acceitas, Sally? — pergunta-lhe o "Golfinho".

É você me quer? — diz ella, rindo.

De Hollywood para Você...

(F I M)

Marie Prevost celebrou sua volta do hospital, depois de ter feito duas operações num dos ouvidos. Não sei qual foi... supponhamos que tivesse sido o direito... Sim, o celebramento foi com Buster Collier, com um jantar no Roosevelt Hotel. Na First National, a Olive Borden perguntava a alguem se ficava bem chapeu verde... Que acham vocês?... A mim pareceu-me bem. Melhor direi. Qualquer cousa vae bem naquelle typo de brasileira-carioca...

Falavam que depois dos films que elles fizeram juntos, seria o ultimo, porém, creio que Mary Pickford e Douglas Fairbanks quando voltaram de sua viagem a Europa e Oriente, elles fariam films individualmente. A proposito. Que vão fazer esta gente na Europa, quando ha tanto logar novo, bonito, e cheio de encanto? O Rio de Janeiro por exemplo...

Interessante é que quando elles vão somente a Europa, sem sahirem de Paris e dos boulevards elegantes, voltam para Hollywood, e bradam que conhecem o mundo...

E é só por hoje...

A maior bomba do mexico...

(F I M)

não sei se devido a sua caracterisação, ou porque... ora porque! Na maioria dos casos estes artistas desapontam sempre. Quando não seja por uma cousa é por outra.

Antes de dizer adeus a Lupe e bater em retirada, ella trazia o *Cinearte*. Comprehendi que ella queria a revista, é claro que não ia receber de volta. Comtudo, ella pediu-me.

"Pueso tener esse periodico?

— Como no!

— Tanto gusto. Adios señor Moreno. (!!!!)

CINEMA BRASILEIRO

(F I M)

Se o publico corresponder ao esforço dos directores da Metropole, teremos assegurado o primeiro passo na distribuição dos nossos proprios films.

* * *

A Bran- Film de Aracajù vae começar breve a filmagem de "A Casa Côr de Rosa".

Queremos crer que se trate effectivamente de uma empresa productora, e não de uma escola cinematographica.

Por se tratar de um logar distante e de relativa animação cinematographica não podemos ter, assim de momento uma informação completa, mas queremos crer que não se trate de nenhuma escola de Cinema.

Aliás é director da empresa Felisbello Brandão, 2° tenente da Força Publica do Estado, o que de qualquer forma é sempre uma garantia de que não se trata de nenhum aventureiro.

Por isso, tomamos a Bran-Film como uma empresa de facto e offerecemos os nossos prestimos em tudo que nos for possivel. Aguardamos mesmo com alguma ansiedade as primeiras photographias de scenas, que publicaremos com o maximo prazer.

O que não fariamos si se tratasse de uma escola, pois "CINEARTE" tem como principal factor para saneamento moral do nosso Cinema, combater por todos os meios estas escolas e estes professores de Cinema, que não passam de simples exploradores, passiveis de energica acção da policia, porque Cinema só se ensina filmando, trabalhando e não tomando lições dentro de salões, para saber expressões de dor, alegria, etc.

CHEVALIER EM HOLLYWOOD

(F I M)

nos costumes e nas provas de camara a que terá de submetter-se antes de começar a producção do seu segundo film "THE LOVE PARADE"; pensando nos textos em francez ou inglez que terá de aprender;

"Para todos..." o melhor magazine semanal

nas canções compostas por Gilfford Groy e Victor Schetzinger de que terá que desempenhar-se; nos cinco dias de ensaios com Lubitsch, que o dirige; e mais nisso e mais naquillo, e na proposta de Mary Pickford ha cinco annos atraz, para que elle viesse ser o seu leading man na America.

"O que eu pretendo fazer, é o seguinte, disse Chevalier esforçar-me por fundir a vivacidade, a "presteza" de tempo do canto francez — que deveis ter notado quão differente é do vosso — com o rythmo do jazz americano. Isso é o que faz actualmente o moderno Paris, e isso é o que eu desejo realizar.

Assim procedendo, Chevalier torna-se um artista internacional, como internacionaes são os maiores artistas, interpretes de uma arte que se superpõe ás contingencias da linguagem.

"Raquel Meller é internacional. E' uma artista maravilhosa. Canta em hespanhol para um auditorio francez e obtem successo. Sarah Bernardt nunca viu os seus meritos desconhecidos nos Estados Unidos, embora representasse em francez Al Jolson é um grande artista e si algum dia fosse a Paris causaria sensação. Este tambem é um artista internacional".

Mas afinal que é o que contribue para o successo internacional. Como é que em França designava essa cousa a que os americanos chamam **IT**?

"Não será esse It a personalidade? Não sei. Talvez alguma coisa mais. Sim, em Paris nós diriamos "coração". Si puzerdes o coração n'alguma coisa, no nosso canto ou na nossa dansa, o nosso auditorio sentirá isso, pois não? Vêde uma creatura como Clara Bow, por exemplo. Nós sentimos que ella quer agradar, que põe o seu coração em tudo quanto faz, e essa convicção nos leva a estimal-a mais.

"Como disse, eu pretendo misturar o tempo das duas canções — a franceza e a americana, fazer o que chamaes um cocktail Paris-New-York".

Que fizesse antes um cocktail Chevalier, obtemperamos.

E elle fez uma careta, uma careta de menino contente. Chevalier é surprehendentemente modesto, apezar de ter dois continentes a seus pés; surprehendetemente modesto esse que recebeu ovações quando appareceu em Ziegfeld Roof durante um mez como os melhores artistas raramente conseguem.

"Eu desejo conservar-me parisiense. Penso que os artistas estrangeiros aqui commettem um erro quando se americanizam demasiado. Seria preferivel que conservassem as suas personalidades".

Misturado com soldados inglezes prisioneiros, numa estadia de 26 mezes em Altem Grabow, na Allemanha, para onde fora levado, ferido por estilhaços de granada, depois de uma das memoraveis batalhas de 1914, foi ali que elle iniciou os seus conhecimentos da lingua ingleza.

"Antes da guerra sempre e depois da guerra algumas vezes, faltaram-me os recursos pecuniarios para aprender inglez, confessa Chevalier com franqueza.

Agora que elle tem meios de realizar esse desejo, Jesse Lasky impede que elle se aperfeiçôe no inglez, raciocinando e talvez com acerto, que parte da graça de Chevalier está justamente no accento da sua pronuncia.

Chevalier é filho de Muilmontant, um suburbio de Paris. "E talvez eu conheça menos Paris do que New-York, diz Chevalier, como acontece geralmente com as

pessoas e o logar onde ellas moram.

Desde os onze annos de edade Chevalier foi successivamente aprendiz de carpinteiro, de electricista, de typographo, empregado numa fabrica de bonecas, pintor de letreiros, manicure, mas sempre com a visão do palco ou do circo deante dos olhos. No seu primeiro film americano, o enredo é nas suas linhas geraes um padrão da sua vida.

"Mas não é o que eu desejaria fazer, esse papel de apaixonado sentimental; declara Chevalier, referindo-se ao film. E emquanto ouço e interrogo aquelle homem modesto de espirito e que se veste com uma distincção e uma sobriedade, que não corresponde (quanto á sobriedade), o estylo amaneirado e voluvel que os americanos attribuem aos francezes, no quarto ao lado move-se Madame Chevalier, que foi a sua companheira de palco, desde quando elle se separou de Mestinguett, mulher das pernas divinas.

"O genero de amor que eu aprecio é aquelle em que entra uma ligeira nuance de humor, do riso embora sincero. Nada d'essa coisa romantica, em que tudo é serio. Não me sinto bem nessa especie de papel. Não é o meu typo. O amor com um pouco de humorismo é que se aprecia em Paris."

Chevalier era ainda muito joven, quando, já tocado da fascinação do theatro dirigiu-se ao director do "Concerto dos Tres Leões", solicitando-lhe trabalho como cançonetista, que elle o era consumado. A verdade é que em materia de canto, elle não passava de um bem intencionado, como ficou logo provado.

Mais tarde elle fez no Casino de Tourelles a sua primeira tourneé como cançonetista. Não passou muito tempo, elle era apresentado a Mistinguett, e não tardou egualmente que se tornasse seu "partner" dansarino nas Folies Bergéres.

O anno de 1913 encontrou Chevalier fazendo o seu serviço militar, e em Setembro de 1914 elle se fazia parte da muralha que se antepunha á invasão germanica. Quando deu por si estava prisioneiro e depois de dois annos de internamento conseguiu escapar, servindo-se simplesmente do expediente de sahir naturalmente do campo de concentração com o seu camarada Joe Bridge, um actor que o havia auxiliado numa representação inprovisada para passa-tempo do acampamento. Illudiram a vigilancia dos guardas disfarçados em homens da Cruz Vermelha, valendo isso a Chevalier a Cruz de Guerra.

"Uma noite, continua Chevalier, concluindo apressadamente essa phase da sua vida, Mary e Douglas achavam-se presentes a uma repre-

sentação minha, e eu lhes mandei um cartão pedindo-lhes viessem á caixa do theatro terminado o espectaculo; tinha grande desejo de conhecel-os. Mas Douglas não esperou que o espectaculo terminasse; attendeu ao meu convite no intervallo de dois actos".

Faz isso seis annos e data d'ahi uma forte amizade. Os Chevaliers são convivas assiduos de Pickford.

Depois da Guerra, Chevalier voltou a dansar com Mistinguett. Fez-se vedetta do palco. Apresentou-se em Londres com Elsie Janis. Esteve no Brasil, na Argentina. Veiu ao Estados Unidos, passar uma semana em New York. Acceitou o convite da casa Fairbanks para visitar Hollywood, acreditando tratar-se de uma corrida de algumas horas, mas verificou que estava enganado, pois que "it is a long way ti Hollywood".

MUDARAM-SE OS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Os escriptorios da Sociedade Anonyma O MALHO mudaram-se para a TRAVESSA DO OUVIDOR, 21, onde serão recebidas, com a attenção de sempre, as ordens de seus annunciantes, agentes e leitores.

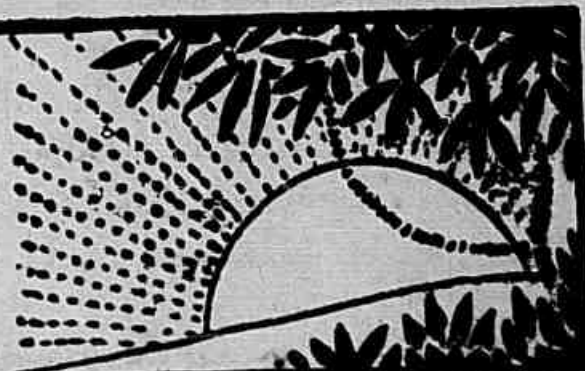
As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas desta Empreza, continuam no edificio proprio da Rua Visconde de Itauna, 419, onde sempre estiveram.

SEGREDOS DO ORIENTE

(FIM)

minutos depois, a valiosa nau submerge. Ali salva-se trepando nas costas de um gigantesco hippopotamo que elle suppunha fosse uma ilha. O grande animal nada em direcção da praia onde se acha o Sultão em companhia do povo á espera da resposta das estrellas. O pobre sapateiro é recebido como um enviado do céo e, triumphalmente, conduzido para o palacio. Nessa occasião o principe Hussein rapta Gylnare. Zobeide sabendo desse roubo quer aprisionar o principe Achmed mas este, tendo observado o rapto da filha do Sultão, repudia Zobeide, persegue e mata Hussein e, em seguida volta á capital em companhia de Gylnare onde chega no momento em que tambem chegava a festiva comitiva com Ali. Zobeide accusa Achmed e o Sultão manda recolhel-o á prisão.

No dia seguinte, o sapateiro declara ao astrologo a sua verdadeira identidade e o consultor dos astros temendo cahir no desagrado do seu real amo suggestiona Ali a representar o papel que o destino lhe confiára tão curiosamente. Ali obedece ao conselho do astrologo mas porta-se ridiculamente durante a festa dada em sua honra, notadamente por occasião do bailado das bayadeiras embriaga-se, diz asneiras e acaba adormecendo. Ao despertar, na manhã seguinte, sente-se receioso do seu casamento com a princeza Gylnare e resolve fugir mas ao atravessar as salas de palacio encontra-se com a linda moça que se encaminhava para o banho. Nesta difficil situação, mais uma vez o avisado astrologo salva o pobre sapateiro do Cairo. Não tardou muito que Ali notasse o amor que Gylnare dedicava ao principe Achmed. Emicionado elle pede ao Sultão para consentir no casamento dos namorados pois elle o escolhido, de bom gosto renuncia aos seus direitos. O Sultão, porém, furioso com esta surpresa e receioso de perder o dote de dez mil camellos que Ali promettera quando se embriagara na festa da noite anterior manda prendel-o mas o sapateira consegue fugir, depois de ter libertado o infeliz Achmed que tem a felicidade de raptar Gylnare. Mas a sorte era desfavoravel aos amantes: a meio do caminho elles são fetios prisioneiros pelos soldados do Sultão. Ordens terminantes do palacio condemnam Achmed e o astrologo á forca. Já no ultimo momento Ali chega em soccorro dos condemnados: em pleno deserto elle encontrára enorme caravana de camellos que os bons fados e a argucia de Ali conduzem até junto do Sultão, cumprindo desta fórma a promessa feita na festa. Mas quando Ali declara que os camellos não lhe pertencem a ira do poderoso monarcha volta-se para o desgraçado sapateiro e elle mesmo tambem é condemnado á morte.

Em tão critica situação, Ali lembra-se do poder fascinador do seu apito... sem perda de tempo leva-o aos labios e, como por encanto, modifica-se a situação: todas as creaturas e todos os animaes começam a dansar. De repente Fatme acorda o marido, com uma bofetada, dequelle lindo sonho. Ao mesmo tempo entra o estrangeiro mysterioso e toma o exquisito e enfeitiçado objecto... Ali, então, reconhece que passara uns doces momentos no reino da fantasia onde as illusões pullulam... elle havia sonhado com os fabulosos SEGREDOS DO ORIENTE...

REVISTAS ESTRANGEIRAS

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal Internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista no genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mechanicas.

LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literaturas e trabalhos.

GUTIERREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal.

EL ECONOMISTA — Revista semanal, scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industria.

MACACO — Jornal das crianças; contos infantis e pintura.

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.

ESTAMPA — Revista grafica e literaria, da actualidade hespanhola.

MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paizagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Recebimentos semanaes das maiores novidades, no genero, americanas e européas.

"CASA LAURIA"

Rua Gonçalves Dias, 78

LEITURA PARA TODOS

Um magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes

PROGRAMMA REX

RUA DA CARIOCA, 6 — 1° andar

END. TELEG: FILME — TELEPHONE CENTRAL 3654

COMPLETO SORTIMENTO DE TODO MATERIAL E PEÇAS SOBRESALENTES

Pathé e Gaumont

Orçamentos para cabines de cinemas no interior, mesmo em cidades onde não haja electricidade.

Usina Electrica Portatil

propria para cinemas fixos ou ambulantes, em virtude do seu peso minimo. Um motor de quatro cylindros que pesa somente 47 kilos, prompto para funccionar!..

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON
Off's. Graphs. d'O Malho